



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

FRÉDÉRIC ROBERT GARCIA

**A INTERDISCURSIVIDADE DO CAMPO CIENTÍFICO NO
DISCURSO LITERÁRIO, EM *GERMINAL*, DE ÉMILE ZOLA**

Salvador-Ba
2005



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

FRÉDÉRIC ROBERT GARCIA

**A INTERDISCURSIVIDADE DO CAMPO CIENTÍFICO NO
DISCURSO LITERÁRIO, EM *GERMINAL*, DE ÉMILE ZOLA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Jacques S. Salah

Salvador-Ba
2005

Biblioteca Central Reitor Macedo Costa - UFBA

G216 Garcia, Frédéric Robert.

A interdiscursividade do campo científico no discurso literário, em *Germinal*, de Émile Zola / Frédéric Robert Garcia. - 2005.

74 f. + anexo.

Orientador: Prof^o. Dr^o Jacques S. Salah.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2005.

1. Zola, Émile - 1840-1902 - Crítica e interpretação 2. Zola, Émile. *Germinal*. 3. Análise do discurso. 4. Literatura francesa - Séc. XIX. I. Salah, Jacques S. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDU - 821(44).09

CDD - 840.9

Agradecimentos

Ao professor Salah pelo apoio e paciência,
A Ana-Flávia por seu amor e força em cada momento,
A minha irmãzinha Mimi e aos meus pais pela torcida,
As colegas da UESC, Patrícia e Silmara pela amizade e “energia”,
As “meninas da pós” Neide, Cristiane e Augusta
E finalmente, aos “celestes” amigos Mme. Soleil, Gabriel e Nolido.

RESUMO

Este trabalho, com base na teoria da Análise de Discurso, de linha francesa, objetiva analisar aspectos do funcionamento discursivo de *Germinal*, romance de Émile Zola. Os aspectos enfocados se relacionam com a interdiscursividade do campo científico no discurso literário de *Germinal*. As influências abordadas do campo científico vêm, sobretudo, do discurso da Economia Política, especialmente das teorias socialistas, e do discurso da Biologia, especialmente no que se refere a uma visão fisiológica do homem e a um determinismo da hereditariedade. Ao lado disso, são mostrados também alguns aspectos do funcionamento literário no romance. O trabalho mostra que *Germinal* é um espaço de trocas interdiscursivas entre os campos literário e científico. Do primeiro, são ressaltados a subjetividade, a ambigüidade e os sentimentos em que se envolvem os personagens na trama do romance. Do segundo, são ressaltadas a objetividade, a precisão, uma visão instintiva do homem, determinado rigidamente pela sua hereditariedade. A especificidade do discurso de *Germinal* consiste exatamente na forma única com que essa interdiscursividade se realiza.

Palavras-chave: discurso, interdiscursividade e campos discursivos.

RÉSUMÉ

Ce travail, ayant pour base la théorie de l'analyse du discours, de l'école française, a comme principal objectif l'analyse des aspects du fonctionnement discursif dans *Germinal*, roman d'Émile Zola. Les aspects étudiés sont ceux directement liés à l'interdiscursivité du domaine scientifique dans le discours littéraire de *Germinal*. Les influences examinées dans le domaine scientifique proviennent essentiellement du discours de l'Économie Politique d'une part, plus précisément des théories socialistes, et du discours de la Biologie d'autre part, en particulier des aspects physiologiques de l'homme et au déterminisme de l'hérédité. Parallèlement, certains aspects du fonctionnement littéraire du roman seront également mis en valeur. Ce travail montre que *Germinal* est un espace d'échanges interdiscursifs entre le discours littéraire et le domaine scientifique. À partir du premier, ce sont les aspects de la subjectivité, de l'ambiguïté et des sentiments des personnages du roman qui seront détachés. À partir du second, ce sont l'objectivité, la précision et la vision intuitive de l'homme, implacablement déterminé par son hérédité, qui seront mises en valeur. La spécificité du discours de *Germinal* consiste justement dans la manière unique comme cette interdiscursivité se réalise.

Mots-Clés: discours, interdiscursivité et domaines discursifs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Pressupostos teóricos	3
ANÁLISE DE DADOS	10
O Campo científico	10
O Campo literário	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	71
ANEXOS	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:

Animalização dos personagens p. 44

Tabela 2:

Humanização dos animais e animação da natureza p. 47

Tabela 3:

Traços científicos e literários nas descrições de *Germinal*p. 50

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1:

Cavalo trabalhando no interior da mina p.45

Ilustração 2

Cenário de *Germinal*, conforme imaginado e desenhado por E. Zola Anexos

Ilustração 3

Operários nas gáveas, descendo para a mina Anexos

Ilustração 4

Extração do carvão e transporte com vagonetes, no fundo da mina Anexos

Ilustração 5

Operários trabalhando no escoramento das galerias da mina Anexos

INTRODUÇÃO

O discurso literário, no final do século XIX, caracteriza-se, na visão de alguns autores, por apresentar traços do discurso científico, especialmente do discurso da Biologia. O romance *Germinal*, de Émile Zola, é escrito em 1885, quando essa interdiscursividade ganha força na Europa.

Depois de escrever alguns artigos e novelas de inspiração romântica, Zola, influenciado pelas idéias de Taine e de Claude Bernard, evolui para o naturalismo, engajando-se na luta pelo Socialismo. Nessa perspectiva, subordina a psicologia à fisiologia e o sentimento ao instinto, em seus personagens. O romancista naturalista se torna um “experimentador” e o homem abstrato cede lugar ao homem preso às sensações e influências do ambiente: “A concepção de uma alma isolada, funcionando sozinha no vazio, torna-se falsa. Trata-se de mecânica psicológica, não é mais a vida” (LAGARDE e MICHARD, 1969, p. 483. Tradução nossa). O comportamento dos personagens passa a ser determinado por fenômenos como as lutas sociais e a hereditariedade, na tentativa de articular a objetividade do discurso científico com a subjetividade do discurso literário.

Na visão da Análise do Discurso, de linha francesa (daqui em diante AD), adotada neste trabalho, o discurso tem uma característica fundamental: sua heterogeneidade (BRANDÃO, 1995, p. 71). Um discurso sempre se liga, de maneira constitutiva ao seu Outro ou “exterior”. Dessa forma o discurso literário de *Germinal* pode estar ligado, constitutivamente, aos discursos do campo científico. Por isso, essa análise não considera o romance de Zola como um discurso fechado em si mesmo,

mas constituído de práticas discursivas diferentes que integram a formação social francesa no século XIX. Assim, a Formação Discursiva, (FD), isto é, o conjunto de princípios que governa o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada, não pode ser vista como um bloco compacto, que se opõe a outras FDs. Ao contrário, uma FD é atravessada por outras e, por isso só pode ser caracterizada a partir do seu interdiscurso.

Portanto, o objeto de Análise da AD não é o discurso isolado, mas é o espaço de trocas entre vários discursos. Dessa forma, *Germinal* será visto como um espaço de trocas interdiscursivas entre o campo literário e o campo científico. Cada discurso adquire sua identidade através dessa relação de interdiscursividade e não independentemente uns dos outros. As especificidades de *Germinal* serão estabelecidas a partir dessas trocas com o discurso científico, e não numa perspectiva imanentista.

A interdiscursividade está intrincada nas formações ideológicas, isto é, nas diferentes formações discursivas que se estabelecem e se enfrentam em torno de um tema, em relações de oposição ou cooperação. Uma das características das formações discursivas científicas é a objetividade, enquanto nas formações discursivas literárias, predomina a característica da subjetividade e ambigüidade. Tais formações discursivas se opõem quanto a esses modos de funcionamento mas, ao mesmo tempo, em *Germinal*, elas podem também estabelecer uma relação de cooperação.

A questão que se coloca é a de investigar se, no romance *Germinal*, pode ser observada a ocorrência de interdiscursividade, entre os campos discursivos literário e científico. Diante disso, pode ser formulada a seguinte questão: como funciona o espaço de trocas entre esses dois campos discursivos em *Germinal*?

Partindo desses questionamentos, estabelecemos como objetivo geral desse trabalho analisar como funciona o discurso literário *Germinal*, em sua relação interdiscursiva com o campo científico.

Como objetivos específicos definiram-se:

- caracterizar discursivamente os campos literário e científico;
- analisar aspectos das trocas interdiscursivas entre os dois campos;

A hipótese assumida é a de que o discurso de *Germinal* funciona, sobretudo, como discurso literário, mas entrelaçado com elementos do discurso científico.

Esse trabalho pode contribuir para a discussão sobre o chamado estilo naturalista, na literatura, no que diz respeito ao modo como ele funciona, uma vez que recebe influência do discurso científico, a que se opõe em alguns aspectos. Por exemplo, o discurso literário é essencialmente subjetivo e ambíguo, enquanto o discurso científico se caracteriza pela objetividade e precisão.

Pressupostos Teóricos

A análise do discurso, de linha francesa, fundamentalmente reflete sobre a significação e as condições sócio-históricas de produção do discurso. Esse enfoque privilegia a relação entre interlocutores, enunciado e mundo, ou seja, as condições de produção do discurso. Nesse caso,

não se trata de examinar um corpus como se tivesse sido produzido por um determinado sujeito, mas de considerar sua enunciação como o correlato de uma certa posição sócio-histórica na qual os enunciadores se revelam substituíveis. Assim, nem os textos tomados em sua singularidade, nem os corpus tipologicamente pouco marcados dizem respeito verdadeiramente à AD. (BRANDÃO, 1995, p.70)

O discurso é heterogêneo, isto é, ele é fundado no princípio do dialogismo que o liga ao seu Outro. Dessa forma o que é “exterior” se inscreve no próprio discurso, como se pode ver nas marcas explícitas tanto de negação quanto do discurso relatado. A interdiscursividade, ou seja, a inscrição de um discurso em outro, faz parte dessa heterogeneidade e nem sempre apresenta marcas explícitas (Id. 1995, p.71)

Assim, a análise deve fazer aflorar as contradições, isto é, o diferente, que subjaz a todo discurso. Em outras palavras, a interdiscursividade leva à identificação de diferentes práticas discursivas, que se dominam, se aliam ou se afrontam em um mesmo discurso.

Nesse trabalho, pretende-se justamente analisar aspectos da interdiscursividade entre o discurso literário e discursos do campo científico, em *Germinal*, romance de Émile Zola, no século XIX. Embora funcione como discurso literário, é possível que se caracterize também por apresentar aspectos do discurso científico. Assim, um mesmo discurso, pode apresentar diferentes linguagens, heterogêneo a si próprio, em vez de ser visto como um bloco homogêneo. Não há um limite rigoro-

so entre o gênero discursivo literário e o gênero científico. Em *Germinal* essas fronteiras são móveis, deslocando-se entre a subjetividade literária e a objetividade científica. Por isso, pode-se afirmar que “uma Formação Discursiva é atravessada por várias Formações Discursivas e, conseqüentemente, que toda FD é definida a partir de seu interdiscurso.” (Ibid., p.72). Nas classificações literárias didáticas de estilos de época, costuma-se definir o estilo “naturalista”, a que estaria ligada a obra de Zola, como sendo um discurso literário sob influência do discurso científico, especialmente da Biologia.

Em Análise do Discurso trabalha-se com interdiscurso e não com um discurso isolado. Ou seja, o discurso é visto como um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos. (Ibid., p.72). Nesse trabalho o discurso literário *Germinal* é visto como um espaço de trocas entre o discurso literário e discursos de áreas científicas diversas, como economia política, sociologia, biologia, medicina etc. Assim, o estudo da especificidade de *Germinal* é feito colocando-o em relação com os discursos científicos da época, estabelecendo-se regularidades pertinentes entre eles.

O *Universo Discursivo*, em Análise do Discurso, é constituído pelo conjunto de todas as formações discursivas que interagem numa dada conjuntura. (Ibid., p.73). Nesse sentido, por ser bastante amplo, não pode ser apreendido em sua totalidade. O *Campo Discursivo* é formado por um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência e se delimitam mutuamente, em uma determinada região do universo discursivo, como, por exemplo, o campo político, o campo científico, o campo filosófico etc. Nesse estudo de *Germinal*, parte-se de dois

campos discursivos, o literário e o científico, na formação social francesa do século XIX, com o objetivo de analisar o tipo de relação que se estabelece entre eles.

Dessa forma, o interdiscurso aparece como um processo de reconfiguração contínua, no qual uma Formação Discursiva é levada a incorporar elementos pré-construídos, produzidos no exterior dela própria, e a redefini-los. Em *Germinal*, será analisada a reconfiguração do discurso literário, ao incorporar elementos do discurso científico. Assim, o discurso literário se apresenta como um domínio aberto e inconsistente e não como um domínio estável, uma visão de mundo fechada de um grupo social.

Portanto, o campo discursivo literário e o campo discursivo científico não serão vistos isolados em *Germinal*, mas apresentando uma circulação do saber, de um para outro, de forma bastante diversificada e instável. Cada campo retoma enunciados já formulados alhures, que constituem seu *campo de presença*, admitidos como verdade estabelecida, descrição exata, raciocínio aceito ou pressuposto necessário. Por exemplo, a explicação do alcoolismo e do caráter violento de Estêvão pela hereditariedade, repete, em *Germinal*, uma verdade estabelecida pelo campo científico biológico da época. Dessa forma, o discurso literário teria uma relação de validação experimental com o discurso científico.

Cada campo discursivo tem o seu domínio de memória, isto é, um conjunto de seqüências discursivas pré-existentes à seqüência discursiva de referência. Isso quer dizer que toda produção discursiva, efetuada sob determinadas condições conjunturais, faz circular formulações já enunciadas anteriormente (BRANDÃO,

1995, p.78-79). A memória discursiva do campo científico e a memória discursiva do campo literário são, na França do século XIX, reguladas pelas instituições científicas e instituições literárias, respectivamente. Dessa forma, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída.

A noção de memória discursiva, portanto, separa e elege dentre os elementos constituídos numa determinada contingência histórica, aquilo que, numa outra conjuntura dada, pode emergir e ser atualizado, rejeitando o que não deve ser trazido à tona. Exercendo, dessa forma, uma função ambígua na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com os apagamentos que opera, a memória irrompe na atualidade do acontecimento, produzindo determinados efeitos. (Ibid., p.79)

Toda formação discursiva traz em si a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva. “Essa objetividade material reside no fato de que ‘algo fala’ sempre antes, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 1997, p.162). Assim, em *Germinal* será analisada a objetividade material contraditória do interdiscurso, formado pelos campos literário e científico.

Segundo Pêcheux (1997, p.162), “toda formação discursiva dissimula pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas”. Assim, a formação discursiva de *Germinal* só pode ser estabelecida a partir de sua dependência de outras formações discursivas, seja do campo científico, seja de outros campos discursivos.

O interdiscurso contém pré-construídos e articulações que determinam o sujeito, impondo-lhe e dissimulando-lhe seu assujeitamento, sob a aparência da autono-

ma. A Formação Discursiva dominante é a que veicula a forma-sujeito, enquanto o pré-construído corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica, fornecendo a “realidade” e seu “sentido”. A “articulação” constitui o sujeito em sua relação com o efeito de sentido, isto é, com a possibilidade de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições) no interior de uma formação discursiva dada.

Essa possibilidade de substituição pode tomar duas formas fundamentais: 1) a da *equivalência* – substituição simétrica – em que dois elementos substituíveis A e B “possuam o mesmo sentido” na formação discursiva considerada. 2) a da *implicação* – substituição orientada – tal que a relação de substituição $A > B$ não seja a mesma que a relação de substituição $B < A$. Exemplo: a substituição : triângulo com um ângulo reto *por* triângulo retângulo. Há uma meta-relação de identidade. Por isso a relação de identidade é “não-orientada”. (Id., 1997, p. 164)

O narrador de *Germinal* se apresenta assujeitado a pré-construídos do campo literário e do campo científico. A Formação Discursiva dominante no romance é a literária, o que torna seu sujeito um narrador. No entanto, trata-se de um narrador interpelado ideologicamente pelos pré-construídos do campo científico. Por isso, os efeitos de sentido, isto é, a possibilidade de substituição de palavras ou expressões por outras, estão subordinados, não apenas às articulações puramente literária, mas também à influência do discurso científico da época.

O interdiscurso aparece no intradiscurso sob a forma de discurso transversal, isto é, sob a forma de pré-construído, por meio de uma forma-sujeito que absorve, esquece, incorpora-dissimula elementos do interdiscurso no fio do intradiscurso. (Ibid., p.167). Em *Germinal*, o interdiscurso, formado pelos campos literário e científico, aparece sob a forma de discurso transversal, isto é, algo que é dito, mas

não é provado, por ser considerado uma evidência aceita por todos. Por exemplo, a violência de Estêvão, quando bebe, é atribuída à hereditariedade, sem que nenhum argumento para isso seja apresentado. O narrador supõe que isso é do conhecimento de todos.

A partir dos conceitos teóricos da Análise do Discurso, de linha francesa, serão analisados, em *Germinal*, a interdiscursividade entre o campo discursivo científico e o campo discursivo literário. Dessa forma o objeto de análise é menos o discurso de *Germinal*, em si, do que o espaço de trocas que ele estabelece com o discurso científico das ciências sociais e da biologia.

A Análise do Discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade lingüística e histórica. (PÊCHEUX, 1997, p. 59)

ANÁLISE DOS DADOS

O campo científico

Em *Análise do Discurso*, conforme já visto, trabalha-se com interdiscurso e não com um discurso isolado. O discurso é visto como um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos (BRANDÃO, 1995, p.72). Assim, o discurso literário em *Germinal* é visto como um espaço de trocas entre o discurso literário e o discurso científico. Esse espaço de trocas não se limita somente às áreas de ciências naturais ou exatas, mas inclui também as ciências sociais.

As transformações econômicas e sociais, no decorrer da segunda metade do século XIX, sob influência de uma perspectiva científica da sociologia e do marxismo, integram as condições de produção do discurso *Germinal*. Conforme a *Notice*, um apêndice do romance *Germinal* (ZOLA, 1978), as grandes indústrias superam o artesanato, a sociedade anônima desbanca a alta sociedade e, como resultado do êxodo rural, nasce uma nova classe de proletários urbanos que, a partir de 1848, tem plena consciência de sua existência e força enquanto classe social. Dessa forma, e apesar da poderosa burguesia, da oligarquia no poder e da hegemonia do Capital, surge e afirma-se a ideologia do Socialismo.

Em *Germinal*, escrito em 1885, o narrador assume um olhar engajado, fazendo com que operários e burgueses apareçam, não como indivíduos isolados, mas como membros de classes sociais em confronto. A luta dos proletários contra os burgueses constitui a fábula e a trama do romance, não se restringindo ambas à

ação de personagens individuais. Grande parte da narrativa é constituída por ações das massas, seja no cotidiano do bairro operário, seja no trabalho na mina, ou ainda no choque dos grevistas com a polícia, o que confere ao romance um caráter épico. O drama principal é constituído pelos conflitos amplos e profundos entre as classes, ficando os choques individuais, como o embate entre Chaval e Estêvão por causa de Catarina, reduzidos a um segundo plano, na trama romanesca. Dessa forma, as fronteiras discursivas do campo literário são alargadas em direção ao campo científico, uma vez que os dramas individuais e líricos, típicos do discurso literário, são articulados com uma visão do coletivo sócio-histórico, típica do discurso das ciências sociais.

Na *Notice* (1978, p. 618), há referência direta às teorias socialistas:

O romance é a revolta dos assalariados, o golpe desferido contra a sociedade que se abala por um instante, em poucas palavras é a luta entre o capital e o trabalho. Aí está a importância do livro.

A luta “entre o capital e o trabalho”, sob uma ótica marxista, faz parte das condições de produção de *Germinal*. Em AD, o sentido de um enunciado não é dado *a priori*, mas é produzido dentro de determinadas “Condições de Produção” (daqui em diante CP). As CP incluem não apenas o contexto mais imediato, ou seja, a situação de interlocução, mas também as condições históricas, o que significa dizer posições ideológicas com as quais o sujeito enunciadador se identifica, bem como a relação com outros discursos (MITTMANN, 1999, p.271). No século XIX, na formação social francesa, o discurso científico, em diferentes áreas, assumia importância, apoiado em instituições de prestígio, como as academias científicas. As chamadas ciências sociais também já atraíam a atenção social, especialmente

as teorias socialistas de Marx. Dessa forma, a eleição do tema do romance e sua abordagem narrativa se fazem à sombra de condições de produção que incluem o discurso científico marxista: Zola, ainda segundo a mesma *Notice* (Ibid.), assistiu a reuniões dirigidas por Paul Lafargue, Charles Longuet e Jules Guesdes “discípulos franceses de Marx”. Assim, a presença do discurso científico em *Germinal*, além das áreas de biologia e medicina, inclui também a sociologia e a economia.

O narrador de *Germinal* faz referência direta a Marx e a outros teóricos socialistas:

Era necessário dar um jeito aquilo, senão a injustiça seria eterna, sempre os ricos sugariam o sangue aos pobres. E [Estêvão] não perdoava a si mesmo a burrice de ter dito outrora que se devia banir a política da questão social [...] No alto, ficava em pé a idéia de Karl Marx, de que o capital era resultado da espoliação, e de que o trabalho tinha o dever e o direito de voltar a posse daquela riqueza roubada. Mas embrulhavam-se as coisas, mal ele passava a um programa prático. Primeiro, com Proudhon, tinha-se deixado seduzir pela quimera do crédito mútuo, de um vasto banco de troca, que suprimia os intermediários; depois as sociedades cooperativas de Lassalle, dotadas pelo Estado transformando pouco a pouco a terra numa única cidade industrial, apaixonara-o até o dia em que o aborrecia, vista a dificuldade da fiscalização; e ia-se chegando ao coletivismo, queria que todos os instrumentos de trabalho fossem entregues à coletividade. O seu grito de alistamento na greve era: **A mina para o mineiro!** (ZOLA, 1956, p. 209-210. Grifo do autor.).

A presença de mulheres, como Catarina; de velhos, como Boa Morte; e de crianças, como Jeanlin, no trabalho das minas, segundo as teorias socialistas, se deve à utilização de máquinas, que dispensam parte do esforço muscular:

O emprego das máquinas torna supérflua a força muscular e torna-se meio de emprego para operários sem força muscular, ou com um desenvolvimento físico não pleno, mas com uma grande flexibilidade. Façamos trabalhar mulheres e crianças! Eis a solução que pregava o capital quando começou a utilizar-

se das máquinas.[...]um meio para aumentar o número de assalariados, englobando todos os membros da família e submetendo-os ao capital. (MARX, 1973, p. 90)

A mina, em *Germinal*, dispõe não só do cavalo *Batalha*, que puxa os vagões até a área de escoamento, como também de máquina que suspende as gáveas, carregadas de carvão, até a superfície. Apesar de exaustivo, o trabalho de encher e empurrar os vagonetes, é executado por mulheres e crianças, enquanto os homens extraem a hulha.

A caracterização do capital como resultado da mais-valia, isto é, da exploração do trabalho assalariado, é feita literalmente por Négrel, dirigindo-se a um acionista da mina:

Pois não é o senhor acionista? O senhor não faz nada, vive do trabalho dos outros. Afinal o senhor é o capital, e tanto basta. Esteja ciente de que se a revolução social triunfasse, ela o forçaria a devolver a sua fortuna, como dinheiro roubado (ZOLA, 1956, p.183).

A Associação Internacional dos trabalhadores foi fundada em Londres, em 1864. Suas primeiras seções francesas datam de 1865, vinte anos antes da publicação de *Germinal*. Essas condições de produção do romance são constitutivas de sua formação discursiva. O famoso Manifesto Comunista termina com um apelo universal: proletários de todo o mundo uni-vos! Essa união dos operários, além das fronteiras dos Estados nacionais, é enaltecida pelo narrador de *Germinal*, através do locutor Estêvão:

Mas o Estêvão estava esturrado. Toda uma predisposição de revolta impelia-o à luta do trabalho contra o capital, nas ilusões primeiras de sua inocência. Era da Associação internacional dos

trabalhadores que se tratava, dessa famosa internacional que acabava de se criar em Londres – Acaso não era aquilo um soberbo esforço, uma campanha em que a justiça ia triunfar afinal? Nada de fronteiras; os trabalhadores do mundo inteiro erguendo-se e unindo-se, para assegurarem ao operário o pão que ele ganha. E que organização simples e grandiosa! Em baixo, a seção representando a Comuna; depois, a federação, agrupando as seções; depois a Nação; e finalmente a humanidade, encarnada num conselho geral em que cada Nação é representada por um secretário correspondente. De hoje a seis meses estaria conquistado o mundo, e ditar-se-ia lei a lei aos patrões se eles se fizessem finos. (ZOLA, 1956, p.125-126).

O narrador de *Germinal* aborda os temas políticos, as rixas profundas que existem no seio da sociedade, com uma prosa engajada, emissária das classes desfavorecidas, com uma consciência proletária. O personagem Souvarine retrata as divisões político-ideológicas do movimento operário da época, com seu discurso radical, enquanto Pluchart, de forma profética, antecipa o burocratismo estatal que irá se desenvolver na Rússia, após a revolução de 1917. O personagem Pluchart pode ser associado ao futuro burocrata soviético do Partido, que, mesmo contra a greve, a apóia para conseguir novos membros para a *Internationale*:

O Pluchart escreveu-me a esse respeito umas coisas muito justas. Ele também não é pela greve, porque o operário sofre tanto como o patrão, sem conseguir nada de decisivo; mas vê nela uma ocasião excelente para determinar os nossos homens a incorporar-se na sua grande associação (ZOLA, 1956, p.155).

Observa-se que o interesse do burocrata é muito mais o fortalecimento do Partido do que a luta dos operários propriamente dita:

Havia dez dias, Estêvão andava dubitativo. O Pluchart escreveu cartas sobre cartas, oferecendo-se para ir a Montsou, aumentar o zelo dos grevistas. Tratava-se de organizar uma reunião privada, a que o maquinista presidiria; e havia debaixo desse projeto a idéia de explorar a greve, de levar para a Internacional os mineiros, até então desconfiados. (Id., p.199)

Um recurso discursivo observado em *Germinal* é a ironia. Na ironia, o locutor responsável coloca em cena um enunciador e o faz dizer coisas absurdas e assumir uma posição cuja responsabilidade o locutor não quer admitir (CARDOSO, 1999, p.70-71). Dessa forma, o discurso irônico sustenta o que é insustentável para o narrador. A ironia é um gesto dirigido a um destinatário, nunca expressa de forma lúdica ou desinteressada. Os valores contraditórios do enunciado irônico fazem com que o locutor escape das sanções de incoerência, que toda argumentação impõe.

O narrador de *Germinal* ironiza o personagem Pluchart:

A sua voz saía penosa e rouca; mas tinha-se habituado a andar sempre pelas reuniões, passeando a sua laringite com o seu programa. Paulatinamente, elevava-a e arrancava-lhe efeitos patéticos. De braços abertos, acompanhando os períodos de um balancear de ombros, tinha uma eloqüência com o seu quê de sermão, um modo religioso de deixar cair o final das frases, cujo ronco sempre no mesmo tom, acabavam por convencer. (Id. p. 216-217)

O estilo não é indiferente ao que se diz, ao como se diz, às intenções do locutor e à sua localização em uma determinada ordem social. “A ironia é um argumento” (ORLANDI, 1996, p.50). Por isso, podemos dizer que o narrador de *Germinal* se localiza socialmente numa posição crítica do movimento socialista, através da ironia que faz do personagem Pluchart. Embora adote um ponto de vista socialista, o narrador, no entanto, se mostra crítico a certas lideranças do movimento internacional operário. Por isso, prefere usar o recurso da ironia, através do qual pode expressar sua crítica, assumindo as palavras, mas não assumindo seu conteúdo, nem a responsabilidade por dizê-la diretamente: “passeando a sua laringite com o seu programa” e “tinha uma eloqüência com o seu quê de sermão, um mo-

do religioso de deixar cair o final das frases, cujo ronco sempre no mesmo tom”. Depois de mostrar-se favorável às teorias socialistas, o narrador se dirige ao leitor, por meio da ironia, com a intenção de alertá-lo, agressivamente, contra certos líderes desse movimento, que podem estar muito mais interessados na ambição pessoal e na organização burocrática do Partido, do que nas lutas operárias. Ao mesmo tempo, o locutor principal escapa de ser acusado de incoerência, uma vez que não se apresenta como responsável pelo conteúdo da ironia.

Conforme já visto, entre as condições de produção do discurso *Germinal*, figuram as lutas sociais e as teorias socialistas. Essas condições de produção aparecem no romance, quando o narrador toma como personagem principal o movimento coletivo dos mineiros. Os personagens individuais constituem apenas destaques ou exemplos de uma situação social, envolvendo diferentes classes, como se pode ver no trecho em que os mineiros manifestam insatisfação pelas piores condições de trabalho e são interrompidos por Estêvão:

[...] Mas Estêvão os fez calar, com um gesto violento: – Isto há de acabar! Ainda um dia havemos de ser nós quem mandará!” (ZOLA, 1978. p. 198. Tradução nossa.).

O tom profético de Estêvão lembra a teleologia da teoria de Marx sobre o comunismo, enquanto estágio final da história humana: “em Marx, tem também um destino profético do comunismo, onde haveria a reconciliação política dos homens” (MASIP, 1997). O pronome “nós” não se refere à família ou a um grupo restrito de amigos de Estêvão, mas à classe social dos mineiros e, num sentido mais geral, ao proletariado. O narrador usa um locutor operário para enunciar o ideal socialista da tomada do poder pelos trabalhadores. Nesse sentido, a fala de

Estêvão é muito mais a afirmação de um princípio doutrinário socialista, típico das teorias econômico-políticas da época, do que a expressão de um desejo individual, típico do discurso literário.

No trecho abaixo, volta a surgir o coletivo, numa visão profética, como o grande tema do romance:

Sim senhor, as coisas agora haviam de mudar, justamente porque o operário já pensava! No tempo do velho, o mineiro vivia na mina como um bruto, como uma máquina de extrair hulha, sempre abaixo do chão, com os ouvidos e os olhos tapados ao que se passava cá fora [...] Agora, porém, o mineiro acordava lá no fundo, brotava na terra como um verdadeiro grão; e um dia o veriam rebentar mesmo no meio dos campos, haviam de rebentar homens, um batalhão de homens que restabeleceriam a justiça. Acaso não eram iguais todos os cidadãos, desde a Revolução? Uma vez que todos tinham voto, porque era que o operário havia de ser escravo do patrão que lhe pagava? (...) Por isso e por outras coisas mais, que tudo havia de vir a dar um estouro, graças à instrução. (ZOLA, 1956, p 147)

O princípio socialista de que a classe operária, por um processo de tomada de consciência, fará sua própria redenção é enunciado por Estêvão: “Sim senhor, as coisas agora haviam de mudar, justamente porque o operário já pensava!” Mais uma vez, o personagem não se refere a si próprio ou a um grupo de indivíduos, mas a uma classe social: “[...] haviam de rebentar homens, um batalhão de homens que restabeleceriam a justiça.” Também a palavra “mineiro” tem um sentido genérico de categoria social, sem indicar nenhum mineiro específico: “No tempo do velho, o mineiro vivia na mina como um bruto, como uma máquina de extrair hulha, sempre abaixo do chão, com os ouvidos e os olhos tapados ao que se passava cá fora”. Essa visão do coletivo se fortalece por uma consciência de classe, mostrada no romance:

As mulheres tinham visto a cozinha, e era uma tempestade de imprecações contra o faisão que estava a assar, contra os miolos cujo cheiro gorduroso dava apetite a seus estômagos vazios. Marotos de burgueses! Elas lhe dariam o champanhe, as trufas, para encherem as tripas! (ZOLA, 1956, p. 307)

A influência das teorias socialistas aparece mais forte quando, no final do romance, Estêvão se despede da velha Maheude, uma mineira que, depois de perder o marido baleado pela polícia, as filhas Alzira, de fome, e Catarina soterrada, o filho Zacarias, em acidente, e de ter o filho Jeanlin aleijado, por um desastre na mina, ela volta ao trabalho, após a greve fracassada:

E mais nada, não disseram nem mais uma palavra. Ela então sempre se resolveu, apertou-lhe a mão. Ele, muito alvoroçado, não se cansava de contemplá-la, tão acabada e tão estragada [...] E, daquele derradeiro aperto de mão reconhecia ainda o mesmo dos camaradas, aperto longo e mudo, a aprazá-lo para o dia da desforra. Compreendeu perfeitamente; no fundo das pupilas, ele tinha agora a sua crença tranqüila. Até a outra vez – até a vez em que seria o golpe de mestre. (ZOLA, 1956, p 451)

A crença científica na vitória do proletariado não desanima essa mulher sofrida nem o revolucionário Estêvão. Dessa forma, o coletivo, o geral, por meio da abstração e sob a forma de conceito, elemento do discurso científico, aparece como o grande pano de fundo, na fala dos personagens individuais, embora estes, contraditoriamente, estejam ligados ao subjetivismo individual do discurso literário.

Por outro lado, essa forma de conceito aparece em *Germinal*, a partir de uma teoria científica, o marxismo: “as coisas agora haviam de mudar”.

A superação da alienação dos operários foi uma idéia central do marxismo. A revolução proletária deveria atingir, após um período de transição, a “fase superior do comunismo” e essa passagem marcaria “o fim da pré-história da humanidade e a entrada

em sua verdadeira história”, “o salto do reino da necessidade para o reino da liberdade”. (CASTORIADIS, 1982. p. 133)

Nessa perspectiva, o discurso literário de *Germinal* assume características do discurso científico socialista, este com raízes na economia política, na sociologia e na filosofia. Esse processo interdiscursivo faz com que o discurso literário, de natureza subjetiva, assumia feições objetivas, tomando o coletivo, e não os caracteres individuais, como personagem central. Esse entrelaçamento do discurso científico socialista com as fronteiras do discurso literário pode ser visto no trecho abaixo:

E naquela esperança de uma invasão dos bárbaros, regenerando as velhas nações caducas, aparecia outra vez a sua fé absoluta numa revolução próxima – na revolução verdadeira, na revolução dos trabalhadores – cujo incêndio abrasaria o final do século com aquela púrpura do sol nascente, que ele via sangrar no céu.” (ZOLA, 1956, p. 452)

“A fé absoluta numa revolução próxima”, um dos princípios do discurso socialista marxista, aparece, no romance, como um estado de espírito do personagem individual Estêvão, num funcionamento típico do discurso literário, que inclui a metáfora: “abrasaria o final do século com aquela púrpura do sol nascente, que ele via sangrar no céu”. Segundo Eco (1991, p.191), “O êxito da metáfora é função do formato sociocultural da enciclopédia dos sujeitos interpretantes”, isto é, depende de um “universo de conteúdo já organizado em redor de interpretantes que decidem (semioticamente) da semelhança e da dessemelhança das propriedades”. Nessa perspectiva, em “a revolução dos trabalhadores” é um “incêndio”, observa-se a presença de dois universos de conteúdo já organizados, “revolução” e “incêndio”, equiparados pelas características comuns de: destruição, violência, purificação. Em “abrasaria o final do século com aquela púrpura do sol nascente”, as lutas do proletariado, no “final de século”, tornam-se um “sol nascente”, isto é, a derrota

da greve dos mineiros torna-se o alvorecer de um novo dia na história da humanidade. O jogo de cores é também significativo nessa metáfora: “incêndio”, “abrasaria”, “púrpura”, “sol nascente” e “sangrar” compartilham o mesmo tom avermelhado que, não por acaso, simboliza os movimentos socialistas.

O narrador de *Germinal* injeta princípios teóricos socialistas em seu discurso literário, sob a forma de pensamentos de personagens, não individuais, mas coletivos:

Certo era que estavam derrotados, que ali tinham deixado mortos e haveres; mas Paris é que não havia de esquecer os tiros do Voreux, também o sangue do Império havia de correr por aquela ferida incurável [...] Os carvoeiros tinham-se contado, tinham feito experiência as forças, tinham acordado com o seu grito de justiça os operários de toda a França. E tanto que, nem a sua derrota sossegou ninguém; os burgueses do Montsou, invadidos, na sua vitória, pelo seu constrangimento das conseqüências da greve, olhavam atrás, a ver se ali estaria malgrado tudo a sua ruína, inevitável, no fundo daquele grande silêncio” (nota da p. 592 fr).

As expressões “estavam derrotados”, “tinham deixado mortos e haveres”, se referem a um personagem coletivo, “os carvoeiros”. Na passagem “Paris é que não havia de esquecer os tiros do Voreux”, a expressão “Paris” representa as elites político-econômicas da França. Enquanto que em “também o sangue do Império havia de correr por aquela ferida incurável”, o Império se refere ao governo da época. E, finalmente, em “os burgueses do Montsou, invadidos”, a referência coletiva a uma classe social é direta. Observa-se, portanto, um discurso literário em que os personagens deixam de ser individuais para se tornarem coletivos, sob influência dos discursos científicos socialistas.

Um outro funcionamento discursivo científico que intervém no discurso literário de *Germinal* é sua estrutura de tese, isto é, a trama romanesca está submetida ao

objetivo de provar uma determinada tese. As peripécias amorosas entre Estêvão, Catarina e Chaval servem para visualizar a contradição social entre burgueses e mineiros e para provar que, apesar dos desacertos e do aparente fracasso, a luta operária está apenas começando, ou melhor, *germinando* como se pode perceber no trecho a seguir:

Agora, porém, o mineiro acordava lá no fundo, brotava na terra como um verdadeiro grão; e um dia o veriam rebentar mesmo no meio dos campos, haviam de rebentar homens, um batalhão de homens que restabeleceriam a justiça. (Ibid., p.223)

A trama do romance, isto é, a seqüência da narração, segue um modelo de descrição científica de um processo natural: começa com as condições miseráveis de trabalho e de vida dos mineiros, seguida do agravamento dessas condições pela diminuição dos salários e exigências de mais trabalhos não pagos. Os mineiros trabalhavam em péssimas condições, com graves riscos de segurança e baixos salários:

Pois era possível que andasse gente a matar-se nesse tão árduo trabalho, naquelas trevas mortais, e que nem ao menos se ganhassem os tristes soldos do pão de cada dia? (Ibid., p 50)

Quem sofria mais era o Maheu. Lá no alto, a temperatura chegava a elevar-se a trinta graus, o ar não circulava, a sufocação fazia-se insuportável com o tempo. Para ver, tivera de pendurar a lanterna num prego, perto da cabeça; e essa lanterna, que lhe aquecia o crânio, acabava de lhe esquentar o sangue. Mais o suplício aumentava, principalmente com a umidade. A rocha, por cima dele, a poucos centímetros do rosto, estava a transudar água, grossas gotas contínuas e rápidas, caindo numa espécie de ritmo teimoso, sempre no mesmo lugar. Por mais que ele, torcesse e tombasse a cabeça, as gotas pingavam-lhe na cara, esparramando-se e batendo sem descanso. Ao cabo de um quarto de hora, estava ensopado, gotejando de suor, fumegando como uma barrela. Naquele dia, fazia-o praguejar uma gota que lhe encarniçava sobre os olhos. Não queria largar o trabalho e dava tremendos golpes, que o sacudiam violentamente entre as duas

rochas, como um pulgão pilhado entre duas folhas de um livro, sob a ameaça de ficar completamente esmagado. (p.36-37)

Essa situação, por si mesma já extrema, agrava-se com a diminuição dos salários e aumento do trabalho não pago. A contratação de toda a família de mineiros, incluindo mulheres, velhos e crianças, significa mais lucro para os acionistas:

Colocando no mercado de trabalho todos os membros da família, o emprego de máquinas *depreciou a força de trabalho do homem*. A compra da família compreendendo, por exemplo, quatro forças de trabalho, tornou-se talvez mais cara que a antiga compra da força de trabalho de um só chefe de família, mas uma jornada de trabalho foi substituída por quatro cujo preço cai, segundo a proporção na qual o sobretrabalho dos quatro é maior do que o sobretrabalho de uma só. Para fazer viver a família, essas quatro pessoas devem, pois, fornecer não somente o trabalho, mas ainda o sobretrabalho para o capital. (MARX, 1973, p. 91)

Em *Germinal*, o engenheiro Négrel comunica aos mineiros as piores condições de trabalho e de salário:

Pois avisa-os de que forçam a direção a fazer uma coisa : pagarlhes o revestimento à parte, reduzindo proporcionalmente o preço do vagão. Hão de ganhar muito com isso. Entretanto, façam-me este madeiramento outra vez. Amanhã passo por aqui. (ZOLA, 1956, p. 50)

Após a saída do engenheiro, o mineiro Maheu fala indignado: “Ouviram? O preço do vagão diminuído e o revestimento à parte! É outra maneira de nos pagarem menos” (Id., p.51). Estêvão também comenta revoltado:

Pois era possível que andasse gente a matar-se nesse tão árduo trabalho, naquelas trevas mortais, e que nem ao menos se ganhassem os tristes soldos do pão de cada dia?” (Id., p. 50)

Segundo Marx (1973, p.99), o capitalismo leva a um “aumento do trabalho diário. Todas as barreiras estabelecidas pelos costumes e a natureza, a idade e o sexo, a noite e o dia foram suprimidas”. Depois do engenheiro e do trabalhador, o locutor passa a ser o próprio narrador, destacando o descontentamento crescente que vai resultar na organização do movimento:

Mas o descontentamento recrudescia. Chaval e Levaque contavam a ameaça do engenheiro, o vagão diminuído de preço, o revestimento pago à parte; e acolhiam com espanto aquele projeto, germinava uma rebelião naquele estreito recanto, a seiscentos metros debaixo do chão [...] Puseram-se a acusar a Companhia de matar no fundo da mina metade de seus operários, e de fazer estalar a outra metade de fome. (ZOLA, Op. Cit., p.56)

Na mina, como em todas as fábricas sob o domínio do capital, “O código de punições do supervisor tomou o lugar do chicote do antigo feitor de escravos. Todas as punições são resolvidas por multa ou diminuição de salário [...] a violação das leis torna-se lucrativa” (MARX, 1973, p. 114). Essa situação é mostrada em *Germinal*:

O engenheiro encolheu os ombros, sem responder. Acabara de descer o corte e apenas concluiu lá de baixo:

– Sobre-lhes uma hora, ponham-se todos ao trabalho; e avisou-os de que têm três francos de multa (ZOLA, Op. Cit., p. 49)

Como uma decorrência lógica desses acontecimentos, o movimento operário começa a organizar-se e a formar sua liderança.

Andavam assim as coisas, fermentava na mina um descontentamento silencioso, o próprio Maheu, tão pacato, acabava por cerrar os punhos. (Ibid., p.121)

Foi no Bom-Joyeux, em casa da viúva Désir, que se organizou a reunião particular para quinta-feira, às duas horas. [...] E fechou-

se a porta à chave, para estarem a seu gosto [...] Uns cem mineiros esperavam nos bancos [...] enquanto os recém-chegados tomavam assento nos lugares vazios. [...] Logo de início, contudo, sob proposta de Estêvão, constituiu-se a mesa. Indicava nomes, os outros aprovavam, levantando a mão. Pluchart foi nomeado presidente, depois designaram como vogais o Maheu e o Estêvão. (Ibid., p.206; 214-215)

A explosão da greve é mostrada como um desenvolvimento lógico e inevitável desses fatores:

À noite, no Rasseneur, ficou assente a greve. [...] Com uma frase, Estêvão resumiu a situação: – **Se a companhia quer <<greve>>, terá <<greve>>** (Ibid., p.162. Grifos do autor)

Deflagrada, a greve ganha força e termina por fugir ao controle dos seus próprios líderes:

As mulheres tinham aparecido, perto de mil, em desalinho, despenheadas pela correria, os trapos a deixarem ver a pele nua, uma nudez de fêmeas cansadas de produzir, esfomeadas. Algumas levavam os filhos no colo, agitavam-nos como uma bandeira de luto e de vingança. Outras mais moças, com os seus pescoços altos de guerreiras, brandiam paus, enquanto as velhas, horríveis, berravam tanto, que parecia rebentarem-lhe os músculos dos pescoços mirrados. E os homens desembocaram em seguida, dois mil furiosos, serventes, cortadores, consertadores, um bando mássico que rodava, compacto, cerrado, confundindo a tal ponto que não se distinguiam as calças desbotadas, nem as velhas camisolas de lã, apagadas numa uniformidade térrea (Ibid., p.303)

Aliás, já ninguém obedecia a Estêvão. As pedras apesar das suas ordens, continuavam assobiando; e estava admirado, atropelado, com aqueles brutos açaimados por ele, tão morosos em se arrebatarem a seus cuidados, mas depois tão terríveis, de uma tenacidade feroz na cólera (Ibid., p.310)

O confronto torna-se inevitável e sem qualquer controle. Os mineiros revoltados e exacerbados atacam tudo aquilo que simboliza a riqueza e todos que pertencem a este meio: “Viva a Internacional! Morram os burgueses! Morram!” (Ibid., p.314).

Outra vítima dessa violência é *Cécile*, filha dos *Grégoire*, acionistas que vivem dos lucros da mina:

Era aquele vestido de seda, aquele casaco de pele, era até aquela pluma branca do chapéu que os exasperava. Ela estava toda perfumada, usava relógio, tinha uma pele fina de mandriona que não pegava em carvão (...) as mulheres, naquela rivalidade selvagem, abafavam, agitavam os seus andrajos, queriam cada uma um pedaço daquela filha de rico. (Ibid., p.345)

Percebe-se, muito claramente, que a greve passa a assumir aspectos de uma revolução sangrenta:

– Vamos ao Maigrat, com mil diabos! Lá há pão! Atiremos com a baiúca do Maigrat por terra! [...] era o Estêvão que arrombava a porta à machadada o armazém do Maigrat. Continuava a chamar os camaradas: - porventura não pertencia a fazenda aos carvoeiros? Por acaso não tinham eles o direito de retomar o que era seu, aquele ladrão que havia tanto tempo os explorava, que a uma indicação da Companhia os fazia morrer de fome? Paulatinamente, todos largavam o palácio do diretor, acudindo ao saque da loja vizinha. (Ibid., p.315-318)

Como consequência dessa revolução sangrenta, Maigrat morre ao fugir da multidão enfurecida:

E bruscamente, largou-se de ambas as mãos, caiu como uma bola, teve um solavanco na goteira, e caiu atravessando o muro, com tanta infelicidade que descambou para o lado da estrada onde abriu a cabeça no ângulo de um marco. Tinha-lhe saído os miolos. Estava morto [...] mas logo em seguida recomeçaram os doestos. Eram as mulheres que se precipitavam, com a embriaguez do sangue, cujas gotas iam escorrer [...] rodeavam o cadáver ainda quente, insultavam-no com risos chamando cabaça porca a sua cabeça despedaçada, uivando à face da morte o longo rancor da sua vida sem pão (Ibid., p.319)

Vencida a greve, a Companhia impõe suas condições:

A Companhia – ao que diziam – abusava de seu triunfo. Ao cabo de dois meses e meio de greve, vencidos pela fome, os car-

voeiros tinham-se visto obrigados a aceitar a tarefa de madeiramentos, essa baixa de salário disfarçada, execrável naquela ocasião, toda ensangüentada pelo sangue, recentemente derramado, dos camaradas. (Ibid., p. 445)

A greve é reprimida pela polícia e termina num aparente fracasso que, na verdade, é um anúncio de lutas futuras e de mudanças sociais. O narrador, por meio do título *Germinal*, vê as lutas operárias a partir de uma metáfora de nascimento da vida, de fertilidade, conforme se vê no último parágrafo do romance:

Sob os raios inflamados do astro rei, por aquela manhã de juventude, era daquele rumor que a campina estava grávida, surgiam homens; um exército negro, vingador, que germinava lentamente nos alqueives, nascendo para as colheitas do século, e cuja germinação não tardaria a fazer rebentar a terra. (Ibid., p. 455)

Observa-se, portanto, que a trama do romance apresenta uma estrutura próxima à de uma tese científica:

- 1) Introdução, isto é, a apresentação das condições precárias de trabalho dos mineiros;
- 2) O problema, isto é, o agravamento dessas condições, pela diminuição dos salários e aumento do trabalho não pago;
- 3) Os pressupostos teóricos, isto é, a afirmação dos princípios teóricos do marxismo que orientam a greve.
- 4) A metodologia, isto é, a organização do movimento operário, a formação de suas lideranças e a decretação da greve;
- 5) A análise dos dados, isto é, a greve intensifica-se, foge ao controle e é sufocada pela polícia de forma violenta;

- 6) Conclusão, isto é, o fracasso da greve, em vez do fim da luta operária, é o “germinal” de futuros levantes, como semente que irromperá do solo na próxima primavera.

Portanto, em sua estrutura, a trama narrativa de *Germinal* aproxima-se das partes de um trabalho científico. O processo de interdiscursividade entre o discurso científico e o discurso literário, no romance, assume formas profundas e não apenas superficiais. Além de conceitos e doutrinas socialistas, enunciadas pelos personagens e pelo próprio narrador, conforme visto acima, a influência científica alcança mesmo a própria constituição estrutural da trama narrativa.

O processo de criação de *Germinal* segue um método experimental e inclui uma intensa pesquisa, de pessoas e de lugares. Dessa forma, o seu narrador manifesta-se como cientista, na exatidão quantitativa de suas descrições, e como um autor literário, nas sensações e sentimentos que confere aos seus personagens.

Todo o processo da preparação e da elaboração da obra, anotações de trabalho, esboços, lista detalhada e estudo sobre cada personagem, assim como a versão definitiva, encontram-se na Bibliothèque Nationale, repartidos em 4 volumes de 400 páginas cada um, formando um conjunto de inestimável valor. Desta forma foi possível definir a metodologia de trabalho de Zola, observar toda a dimensão e todo o valor documental de seu romance assim como seguir os passos de seu processo de criação literária. (ABASTADO, 1970, p. 13. Tradução nossa)

Essas pesquisas prévias estão registradas nesse texto, com um total de 1 600 páginas manuscritas. Texto é o enunciado “*como um todo, como constituindo uma totalidade coerente*” (MAINGUENEAU, 2001, p.57. Grifo do autor). Portanto, essas pesquisas prévias e *Germinal* são dois textos distintos, uma vez que não

apresentam uma “totalidade coerente”: enquanto o primeiro é um amontoado de anotações variadas, o segundo é um romance, uma narrativa. Entretanto, eles mantêm entre si uma relação de intertextualidade, isto é:

(...) a relação de um texto com outros previamente existentes, efetivamente produzidos. A intertextualidade é *explícita* quando é feita a citação da fonte do intertexto (discurso relatado, citações de referências, resumos, traduções, etc.), sendo *implícita* quando cabe ao interlocutor recuperar a fonte na memória para construir o sentido do texto (é o caso das alusões, da paródia, certas paráfrases, certos casos de ironia) (CARDOSO, 1999, p. 61)

A intertextualidade entre as anotações prévias e *Germinal*, se dá de forma implícita, uma vez que este nunca cita diretamente aquele. Entretanto, um leitor que conheça ambos os textos, ao ler *Germinal*, pode “recuperar a fonte”, isto é, as anotações, “na memória”, uma vez que nestas estão registrados: o perfil psicológico dos personagens, elementos da trama, elementos sobre a geografia e a geologia das regiões das minas, sobre a organização do trabalho e sobre a estrutura das grandes companhias, entre outras coisas.

A condição social e o modo de vida dos operários também estão documentados, assim como aspectos da economia, de política, abordando as crises, o socialismo e o sindicalismo entre 1860 e 1880. Este verdadeiro “dossier” montado por Zola, é de uma impressionante riqueza de detalhes, sempre acompanhada pela eterna preocupação científica em busca de precisão e verdade. (ABASTADO, 1970, p. 14. Tradução nossa.)

Zola (1978, p.615), certa vez, declarou que na luta de classes é “que está a importância desse livro [*Germinal*], eu o quero prevendo o futuro, colocando a questão mais importante do século XX”. O prever o futuro é uma das características do discurso científico: “Em certo sentido, todas as teorias predizem, inclusive a teoria

lingüística. Predizem que todos os fatos situados dentro de seu campo de observação serão explicados pela teoria” (HALLIDAY, McINTOSH, STREVENS 1974, p.32) Em *Germinal*, os fatos situados dentro do campo de observação estão relacionados à luta de classes e são explicados pela teoria marxista: “Por isso e por outras coisas mais, que tudo havia de vir a dar um estouro, graças à instrução.”

Assim, além de descrever e analisar, o narrador também atribui ao seu discurso literário um funcionamento de previsão, pretendendo ter acesso às supostas leis “naturais” que regem o funcionamento da sociedade, o que possibilitaria antever o futuro. A fala de Zola e o discurso do narrador de *Germinal* coincidem nesse ponto: “[...] um dia o veriam rebentar mesmo no meio dos campos, haviam de rebentar homens, um batalhão de homens que restabeleceriam a justiça.” A previsão do futuro, “um dia”, se justifica por uma argumentação lógica, tal como no discurso científico: “Acaso não eram iguais todos os cidadãos, desde a Revolução? Uma vez que todos tinham voto, porque era que o operário havia de ser escravo do patrão que lhe pagava?”

Por força dessa interdiscursividade com as teorias socialistas, ler *Germinal*, não é como ler outro romance qualquer, onde se acompanha a trama e a evolução dos personagens em um cenário.

Ler *Germinal* desperta o sentido crítico do leitor, obrigando-o praticamente a se posicionar tanto nas questões políticas como sociais. Ninguém fica insensível frente à *Germinal*, qualquer tipo de neutralidade seria impossível diante desta obra. *Germinal* implica seu leitor que inexoravelmente se envolve quase que pessoalmente numa relação que desperta interrogações filosóficas, políticas e sociais. Além do interesse dramático da trama e do prazer da estética em Zola, nos deparamos com a surpreendente verossimilhança dos personagens que se dividem em gru-

pos distintos, representando cada classe social, cada ideal político, além de desempenharem suas respectivas funções sociais no dia a dia. O leitor encontra valiosas informações técnicas e históricas, um verdadeiro testemunho da situação econômica e social da época. Desta forma, além de romance, *Germinal* também é um documentário, como uma “janela do tempo”, através da qual vislumbramos na França do século XIX, a vida de burgueses e de trabalhadores das minas de carvão (ABASTADO, 1970, p.4. Tradução nossa.)

Biologia

Em Análise do Discurso, conforme já visto, o *Campo Discursivo* é formado por um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência e se delimitam mutuamente, em uma determinada região do universo discursivo. O campo discursivo literário é formado por um conjunto de formações discursivas literárias diversas, como o discurso simbolista, o discurso romântico, o discurso realista etc., que concorrem e se delimitam mutuamente. Por sua vez, o campo científico é formado pelos discursos da Biologia, da Sociologia, da Economia, da Física etc., que também concorrem e se delimitam mutuamente. Nesse trabalho, assume-se que, em *Germinal*, o campo discursivo literário é redimensionado, em suas fronteiras, por “empréstimos” do campo discursivo científico, fazendo com que esse tipo de discurso literário tenha sido chamado, tradicionalmente de “naturalismo”.

Cada campo discursivo retoma enunciados já formulados alhures, que constituem seu *campo de presença*, admitidos como verdade estabelecida, descrição exata, raciocínio aceito ou pressuposto necessário. Por exemplo, a explicação do alcoolismo e do caráter violento de Estêvão pela hereditariedade, repete, em *Germinal*,

uma verdade estabelecida pelo campo científico biológico da época, chegando mesmo a referir-se, em outro ponto, à figura de Darwin:

Decididamente, ia tudo por água abaixo, quando cada um puxava para o seu lado. Assim, aquela famosa Internationale que devia ter renovado o mundo, acabava em impotência, depois de ver o seu formidável exército fracionar-se, esfarelar-se em questúnculas infundáveis. Acaso Darwin teria razão, e seria acaso o mundo uma simples batalha – os fortes a comerem os fracos, para aformoseamento e continuidade da espécie? Perturbava-o essa questão, bem que decidisse de papo, como quem está satisfeito com a sua ciência (ZOLA, 1956, p. 452).

Assim, o narrador de *Germinal* mistura o tratamento subjetivo das paixões, próprio do discurso literário, com a descrição, análise e previsão, próprias do discurso científico biológico. A intensidade das paixões humanas é mostrada como impulsos instintivos, tal como ocorreria entre os animais.

E parecia ser, em volta da máquina apagada, junto daquele poço farto de vomitar hulha, uma desforra da criação, o livre amor que, sob o agulhão do instinto, plantava filhos nos ventres das adolescentes ainda não mulheres (Id., 1978, p.175. Tradução nossa).

Em “E parecia ser [...] uma desforra da criação”, o narrador apresenta o comportamento dos personagens como determinado por forças e leis da Natureza ou “criação”. Em vez dos sentimentos afetivos, são ressaltados, no comportamento humano, o instinto e a reprodução biológica: “sob o agulhão do instinto, plantava filhos nos ventres das adolescentes”.

Numa visão instintiva do comportamento humano, pressupõe-se que há uma ordem na natureza e nos eventos e “certos acontecimentos se relacionam sucessivamente uns com os outros” (MIZUKAMI, 1986, p.19). Nessa perspectiva, o ho-

mem não é livre, mas é uma conseqüência das influências ou forças existentes no meio ambiente, o que possibilita tratá-lo como um objeto científico. O que ele faz é o resultado de condições que podem ser especificadas e que, uma vez determinadas, permitem antecipar e, até certo ponto, determinar suas ações. O comportamento humano é gerado por um conjunto dado de contingências e pode ser considerado cientificamente.

Desde os dez anos de idade, Mouquette se roçava por todos os recantos dos descombros, não como gaiata esquiva e ainda verde [...], mas como rapariga já cheia, boa para rapazes de barba na cara. (ZOLA, 1978, p. 176. Tradução nossa.)

No entanto, na visão de Marx, a falta de escola e a degradação moral de jovens e crianças, entre os mineiros, não se trata de um processo “natural”, isto é, regido pelas leis da natureza, mas de um processo sócio-histórico típico do capitalismo:

O *depauperamento moral* de mulheres e crianças [...] os homens, antes da maturidade, foram transformados em simples máquinas tendo por função produzir mais-valia. [...]. Zombaria com a qual o capital burla a lei de escola obrigatória para crianças nas fábricas. (MARX, 1973, p. 92-93)

O rigor descritivo do discurso científico aparece na exatidão das medidas de tempo e de espaço: “Desde os dez anos de idade...”. O comportamento de Mouquette não decorre de uma escolha autônoma, mas aparece como uma determinação do ambiente e atendendo a uma necessidade de reprodução biológica: “rapariga já cheia, boa para rapazes de barba na cara.” Mulher e homem são apresentados, em suas relações, por meio de traços essencialmente físico-biológicos que os caracterizam, respectivamente: “rapariga já cheia” e “rapazes de barba na cara”. O amor, estreitamente ligado ao desejo físico, não se contenta mais em ser apenas um con-

junto de sentimentos exaltados, ele se torna um instinto, uma faceta brutal e essencial da vida. Se não bastasse um triângulo amoroso, Estêvão, Catarina e Chaval, um erotismo quase animal aflora no decorrer de toda a trama, soando como uma fatalidade.

Um vento de bestialidade percorria a vala, o desejo primeiro do macho, quando algum mineiro encontrava qualquer dessas moças, de gatinhas, traseiro para o ar, com os quadris a estourarem as calças de rapaz. (ZOLA, 1956, p. 41)

O narrador cria variações no amor: com a personagem Mouquette, o desejo torna-se brincalhão e lúdico; Chaval encarna o desejo violento e brutal; o amor de Estêvão e de Catarina, apesar de sua pureza e castidade, esconde um desejo violento, “uma dolorosa obsessão”, que termina com um trágico destino. O destino, aliás, que parece cumprir-se inexoravelmente, de geração em geração, marcando os *Rougon-Macquart* com o ferro da miséria, do alcoolismo e da depravação. A visão fatalista da história, da sociedade e do indivíduo, no discurso literário de *Germinal*, aproxima-se do discurso biológico sobre a hereditariedade, na época acentuando muito mais um determinismo reprodutivo do que as possibilidades de mudança.

– Então tu és maquinista, e despediram-te da estrada de ferro... Por quê?”

– Porque esbofetei o meu chefe.

Ela ficou estupefata, transtornada nas suas ideais hereditárias de subordinação, de obediência passiva.

– Verdade seja que eu estava com a pinga – prosseguiu ele – e quando bebo, perco a cabeça, sou capaz de me devorar e de comer os outros... É verdade, não posso despejar dois copinhos sem que me dê vontade de matar e de enforcar... Depois é doença para dois dias (...)

E gesticulava com a cabeça, tinha um ódio de morte à cachaça, o ódio do ultimo filho de uma raça de bêbados, que sofre na sua carne de toda essa ascendência ensopada em álcool e pelo álco-

ol desvirtuada, ao ponto de se ter a menor gota tornado para ele um veneno. (ZOLA, 1956, p.42-43).

O discurso científico sobre a hereditariedade biológica, no século XIX, afirmava um determinismo inexorável de uma geração a outra. Tal determinismo, aplicado ao comportamento humano, afirma que “Nada certamente ocorre sem causa [...] mas trata-se de uma causa sem intenção”, isto é uma causa não submetida à vontade consciente do homem (LACAN, 1985, p.369). Esse determinismo está presente em *Germinal*: “último filho de uma raça de bêbados”, que sofre na carne “toda essa ascendência ensopada em álcool e pelo álcool desvirtuada”. Em outro trecho, o narrador fala de um “mal hereditário, a longa hereditariedade de beberagem, sem poder tolerar mais uma gota de álcool sem cair no furor homicida” (Id., p.326). Dessa forma, o efeito violento do álcool em Estêvão é determinado por uma hereditariedade de pais alcoólatras:

Ensurdacia-o por dentro uma voz terrível que lhe subia das entranhas e martelava na cabeça – uma loucura repentina de assassínio, a necessidade de saborear o sangue. Nunca o tinha assim sacudido a crise. Contudo não estava ébrio. E combatia contra o mal hereditário, com a desesperada ternura de um furioso de amor que se debate a beira da violação. Acabou por se dominar, atirou a navalha para trás das costas, murmurando em voz rouca:

– Ergue-te, vai-te embora! (ZOLA, 1956, p.353-354)

Se, nesse momento, Estêvão consegue subjugar a terrível fúria hereditária, o mesmo não acontece no final do romance, quando mata Chaval:

Estêvão naquele momento perdeu a cabeça. Foi uma onda de sangue que lhe subiu das entranhas, afogando-lhe os olhos num vapor rubro. Tomava-o uma necessidade irresistível de matar, necessidade física, a excitação de uma mucosa determinando um tremendo acesso de tosse. Foi uma coisa fora de sua vontade, sob o impulso da lesão hereditária. Agarrou-se a uma lasca

de cisto da parede [...] com ambas as mãos, com força duplicada, bateu com ela no crânio de Chaval [...]

E Estêvão contemplava-o, debruçado, com as pupilas dilatadas. Era, pois, certo que o tinha morto! Confusamente, voltavam-lhe todas as suas lutas, naquele inútil combate contra o veneno que estava latente nas suas veias, o álcool lentamente acumulado da sua raça. Contudo ele não estava ébrio senão de fome, bastaria a distante embriaguez dos pais. Eriçaram-se-lhe os cabelos perante o horror daquele assassínio e apesar da revolta da sua educação, um júbilo fazia latejar o seu coração, alegria animal de um apetite enfim satisfeito. (Ibid., p. 435)

A hereditariedade determinista aparece juntamente com outro conceito vigente no discurso científico biológico do século XIX, o conceito de “raça”: “Confusamente, voltavam-lhe todas as suas lutas, naquele inútil combate contra o veneno que estava latente nas suas veias, o álcool lentamente acumulado da sua raça.” No primeiro período do parágrafo, quando Estêvão “perdeu a cabeça”, o narrador retira sua condição humana e o torna um mero joguete de forças instintivas animais e hereditárias: “Foi uma onda de sangue que lhe subiu das entranhas, afogando-lhe os olhos num vapor rubro.” Em vez da reflexão, da escolha, dos valores e leis culturais humanas, agora Estêvão é dominado por uma “necessidade irresistível de matar, necessidade física, a excitação de uma mucosa determinando um tremendo acesso de tosse. Foi uma coisa fora de sua vontade, sob o impulso da lesão hereditária.” Só após constatar a morte do rival é que, lentamente, Estêvão retorna à condição humana: “Confusamente, voltavam-lhe todas as suas lutas, naquele inútil combate contra o veneno que estava latente nas suas veias, o álcool lentamente acumulado da sua raça.” De volta à “educação” cultural, ele sente “o horror daquele assassínio”, mas ainda não pode evitar “um júbilo” que “fazia latejar o seu coração, alegria animal de um apetite enfim satisfeito”.

O discurso transverso corresponde a uma incidência explicativa, isto é, uma sintagmatização de algo supostamente já dito antes, no fio do intradiscurso (PÊCHEUX, 1997, 166). No trecho acima, lê-se: “o veneno que estava latente nas suas veias, o álcool lentamente acumulado da sua raça”, referindo-se a um fator transmitido hereditariamente. A afirmação, e os respectivos argumentos, de que o alcoolismo é um fator que pode ser transmitido pela hereditariedade, não aparecem explícita em *Germinal*, mas é sintagmatizada, ou seja, colocada no fio do discurso, apenas como uma explicação. Intradiscurso é o funcionamento do discurso com relação a si mesmo. (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse *antes* e ao que vou dizer *depois*, portanto, o conjunto dos fenômenos de “co-referência”, enquanto discurso de um sujeito. Muitas vezes essa articulação funciona de forma *consciente*, sob as diferentes formas de coerência lógica (relações de “causa”, de “concessão” de “ligação temporal”, etc.). Por exemplo, no trecho acima, “uma necessidade irresistível de matar” determina, causa “um tremendo acesso de tosse”. Temos, portanto, uma coerência lógica, “consciente” entre os dois sintagmas. Entretanto podem ocorrer certas incisões que representam a irrupção, no fio do discurso, de um processo *inconsciente*, sob a forma de discurso transverso. No caso em questão, para afirmar que “o veneno que estava latente nas suas veias, o álcool lentamente acumulado da sua raça”, era preciso que, antes, se houvesse afirmado que o alcoolismo pode ser transmitido hereditariamente. No entanto, essa afirmação prévia não foi feita, ela não faz parte do conjunto de fenômenos de co-referência, enquanto discurso de um sujeito. Ou seja, ela não pertence ao que eu disse antes nem ao que eu vou dizer depois. Ela só pertence ao que eu digo agora. Dessa forma o discurso transverso de que o alcoolismo pode ser transmitido por hereditariedade é colocado no fio do discurso, é sintagmatizado, de forma

inconsciente, como se já tivesse sido dito antes. O narrador de *Germinal* é assujeitado ideologicamente ao “sujeito universal” da formação discursiva biológica da época, assumindo como um pré-construído, isto é, como “uma coisa que todo mundo sabe”, uma evidência no contexto situacional do século XIX, na França. De onde vem esse discurso sobre o alcoolismo hereditário que aparece transverso, um pré-construído, no discurso literário de *Germinal*? Vem do interdiscurso, isto é, do conjunto total de discursos da formação social francesa no século XIX, mais precisamente, vem do discurso da Biologia, no campo científico. Dessa forma, a especificidade de *Germinal* não reside em ele ser um discurso único, isolado e independente de todos os outros. Ao contrário, sua especificidade advém da interdiscursividade que o constitui, especialmente, dos discursos do campo científico, como a Economia, a Sociologia, a Biologia, além de outros.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que o narrador de *Germinal* foi interpelado em sujeito pela formação discursiva da Biologia na época. Segundo Althusser (1985, p. 96) “toda ideologia interpela os indivíduos concretos enquanto sujeitos concretos, através do funcionamento da categoria de sujeito”. Por “indivíduo” pode-se entender o corpo físico da pessoa, enquanto o “sujeito” é de natureza sócio-cultural. Portanto, a interpelação do narrador de *Germinal* é a sua identificação com o sujeito universal da formação discursiva que o domina. O sujeito universal de uma formação discursiva é o conjunto de coisas que formam uma determinada visão de mundo, e as relações entre elas. No caso, o sujeito universal da formação discursiva de *Germinal* inclui o alcoolismo e a hereditariedade, sendo que a segunda estabelece uma relação de determinação com o primeiro.

O sujeito da enunciação pode se identificar totalmente, ou em parte, com o sujeito universal da formação discursiva dominante, o que constitui as modalidades das suas tomadas de posição (INDURSKY, 2000, p.1469-70). A primeira modalidade, ou superposição, entre o sujeito do discurso e o sujeito universal, revela uma identificação plena entre ambos. Essa superposição caracteriza o discurso do ‘bom sujeito’ que reflete espontaneamente o sujeito universal da formação discursiva dominante. A segunda modalidade, a do “mau sujeito”, é aquela em que o sujeito do discurso, através de uma “tomada de posição”, se contrapõe, em parte, ao sujeito universal, manifestando distanciamento, dúvida, questionamento, contestação ou revolta. Esta separação leva o sujeito do discurso a contra-identificar-se com o saber da formação discursiva que lhe é imposta. O discurso de *Germinal*, enquanto trocas interdiscursivas, tem como um de seus princípios dominantes a hereditariedade como causa do alcoolismo. O seu narrador, isto é, o seu enunciador, se constitui num bom sujeito, uma vez que recobre completamente esse princípio do sujeito universal.

Todo discurso é dialógico, isto é, se realiza numa situação de comunicação. O locutor, isto é, aquele que se faz representar pela primeira pessoa *eu*, implica estar numa relação interlocutiva (GERALDI, 1993, p.161). Benveniste (1989, p.83-84) que considera o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação:

Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno.

O locutor é um ser que “no enunciado é apresentado como seu responsável. Trata-se de uma ficção discursiva que não coincide necessariamente com o produtor físico do enunciado” (MAINGUENEAU, 1993, p.76). Em *Germinal*, o locutor que se responsabiliza pelo pré-construído de o alcoolismo ser hereditário é o próprio narrador, sendo o personagem Estêvão referido em terceira pessoa:

Estêvão naquele momento perdeu a cabeça. Foi uma onda de sangue que lhe subiu das entranhas, afogando-lhe os olhos num vapor rubro. Tomava-o uma necessidade irresistível de matar, necessidade física, a excitação de uma mucosa determinando um tremendo acesso de tosse. Foi uma coisa fora de sua vontade, sob o impulso da lesão hereditária. (ZOLA, 1956, p.413)

A interdiscursividade entre os campos científico e literário, em *Germinal*, faz com que Estêvão lembre um outro personagem de ficção de *O médico e o monstro*, escrito por Robert Stevenson. Esse paradoxo de dupla personalidade, reflete as enormes diferenças entre os discursos do campo científico e os discursos do campo literário, que somente podem ser articulados no romance pela alternância contraditória entre o humano, submetido à “educação” das leis culturais, e o animal, submetido às leis da natureza. O retorno à condição humana, após o acesso do instinto hereditário, é uma exigência do caráter essencialmente literário de *Germinal*. Fosse Estêvão somente o animal furioso, por instinto hereditário, não teríamos um romance literário, mas um estudo de caso científico.

O discurso científico biológico da época inclui também o determinismo do ambiente sobre o comportamento humano: o homem é produto do meio. Na promiscuidade dos lares exíguos está, segundo o narrador, a origem da depravação moral dos mineiros, da mesma forma que é na miséria e na fome que proliferam as doenças. O meio, no qual nasce e cresce o indivíduo, influencia de forma decisiva

sua vida, sendo praticamente impossível se livrar dessa engrenagem da fatalidade. O caráter dos personagens decorre de seus lares. A residência dos burgueses *Gregoire*, por exemplo,

Cheirava a comidas boas que era uma delícia. As prateleiras dos armários estavam repletas de provisões a ponto de derramar [...] apesar do calorífico que aquecia toda a casa, alegrava aquela sala um fogo de hulha. (Ibid., p.72).

Da mesma forma, a sala dos *Hennebeau*, numa confusa mistura de estilos, verdadeira cacofonia visual, trai uma riqueza isenta de cultura e de bom gosto:

[...] naquela sala forrada de tapeçarias flamengas, mobiliada com velhos baús de carvalho. Reluziam pratos por detrás das vidraças dos aparadores; e havia uma grande suspensão de cobre vermelho, cujos boleados polidos refletiam uma palmeira e uma aspidrista, vegetando em vasos de majolica. (Ibid., p.196)

Na modesta residência dos *Maheu*, a decoração evoca o trabalho, o esforço e a ordem, lembrando a dignidade dessa família.

Deram quatro oras no cuco (...) era uma sala bastante vasta (...) de um asseio flamengo, com as seu piso bem lavado e coberto de areia branca (...) coladas nas paredes, estampas de um colorido muito vivo, os retratos do Imperador e da Imperatriz dados pela Companhia [...]. (p.22)

Ao contrário dos *Maheu*, o lar da família *Levaque* é sujo e descuidado, deixando uma impressão de preguiça e decadência:

Na sala uma sujeira negra, o chão e as paredes manchados de gordura, o armário e a mesa pegajosos de tanta imundície e havia um cheiro fétido de casa mal tratada, que entontecia. (p. 99)

Para todos estes seres que vivem numa assombrosa precariedade, ameaçados a cada instante pela morte, o amor, através do qual transparece a bestialidade, soa como uma vitória da reprodução da vida sobre a morte.

Era a sua mulherzinha; ensaiavam juntos pelos cantos escuros, o amor que ouviam e viam fazer em suas casas, por detrás dos tabiques, pelas fendas das portas. Sabiam tudo, mas não podiam ainda, porque eram ainda muito jovens, e apalpavam-se, brincando, naqueles brinquedos de cachorrinhos viciosos (...) com a ternura deliciosa do instinto. (ZOLA, 1956, p.111)

O sentimento humano de “ternura” está associado ao “instinto” e os adolescentes, em seus primeiros jogos sexuais, são vistos como “cachorrinhos viciosos”. Dessa forma, os sentimentos, próprios do discurso literário subjetivo, aparecem submetidos ao domínio do biológico-animal-instintual, próprio do discurso científico.

O estupro de Catarina por Chaval associa elementos da animalidade biológica, da hereditariedade e da “raça”:

Repentinamente Catarina olhou em volta de si. O Chaval acabava de a fazer entrar para as ruínas de Réquillart (...) – Oh! Não! não! – murmurou ela – deixa-me, peço-te!

Estonteava-a o temor do macho, esse medo que retesa os músculos num instinto de defesa, mesmo quando as moças querem, e pressentem a aproximação conquistadora do homem. A sua virgindade, que todavia nada tinha a aprender, amedrontava-se como a ameaça de um golpe, de uma ferida cuja dor ainda desconhecida temia já.

Não, não, não quero! Já te disse, estou muito jovem (...) Tinha-a agarrado solidamente, atirara-a para debaixo do telheiro. E ela caiu para trás sobre as cordas velhas, e parou de resistir, agüentando o macho antes da idade, com essa submissão hereditária que, desde a infância fazia cair de costas as da sua raça (Ibid., p.116-117).

Expressões como “o temor do macho”, “medo que retesa os músculos”, “instinto de defesa”, “Tinha-a agarrado solidamente, atirara-a para debaixo do telheiro”, “agüentando o macho antes da idade” manifestam uma visão biológico-animal da relação sexual entre homem e mulher. O fatalismo da hereditariedade e o conceito de “raça” explicam a “submissão hereditária que, desde a infância fazia cair de costas as da sua raça”.

No entanto, mesmo redefinido pelo discurso científico biológico da época, *Germinal* permanece um discurso literário e nele aparecem sentimentos humanos, como o medo *murmurado* de Catarina ao ter certeza do intuito de Chaval; “Oh! Não! não! – murmurou ela – deixa-me, peço-te!” A expressão “o temor do macho” é seguida pela descrição de um comportamento humano: “mesmo quando as moças querem, e pressentem a aproximação conquistadora do homem”. A perda da virgindade associada a uma determinada idade, é um elemento cultural, que humaniza Catarina: “A sua virgindade, que todavia nada tinha a aprender, amedrontava-se como a ameaça de um golpe, de uma ferida cuja dor ainda desconhecida temia já. Não, não, não quero! Já te disse, estou muito jovem”

O narrador de *Germinal* oscila constantemente entre uma visão biológico-animalesca dos personagens, conforme o discurso científico, e uma visão humanocultural, conforme o discurso literário:

Defendia-se pacatamente, com a resignação passiva das raparigas que aceitam o macho antes do tempo.

Pois não era a lei comum, aquela? Nunca ela esperara outra coisa a não ser alguma violência por detrás do atêrro, um filho aos dezesseis anos, e depois a miséria do lar, se o amigo a recebesse (ZOLA, 1965, p. 202).

Se a expressão “raparigas que aceitam o macho antes do tempo” reduz Catarina a um sujeito animal fêmea, a referência a uma “lei comum” de “violência por detrás do aterra, um filho aos dezesseis anos e depois a miséria do lar, se o amigo a recebesse”, torna a personagem um sujeito humano, submetido, não mais a uma lei biológica da Natureza, mas a uma lei cultural de um grupo social.

Se o processo interdiscursivo em *Germinal* tende, por um lado, a reduzir os personagens humanos à condição animal, por outro, tende a elevar os animais à condição humana, tornando rarefeita e indefinida a fronteira entre esta espécie e os outros animais. A descrição abaixo de Catarina é animalesca:

Ele acompanhou-a numa viagem, vendo-a avançar, com os quadris saídos e os punhos tão em baixo, que parecia trotar de quatro, como um desses animais anões que trabalham nos circos. (Ibid., p. 40)

O verbo “trotar”, e a expressão “de quatro”, ligados ao discurso biológico-animal, apresentam Catarina “como um desses animais anões que trabalham nos circos”. Nessa mesma perspectiva, as mulheres, quando “falavam à cara umas das outras” são vistas como um “formigueiro revolucionado” (Ibid., p.98). Quando o garoto Jeanlin tem as pernas esmagadas num desmoronamento da mina e é despido para exame médico, o narrador assim o descreve: “E o pobre corpinho apareceu nu, de uma magreza de inseto” (p.169). Os operários vêem os filhos como “cria da ninhada” (p.163). Após uma negociação frustrada com os dirigentes da mina, os trabalhadores “deixavam a sala como um tropel de rebanho” (p.195). A mulher que amamenta o filho tem “o seio enorme que pendia, livre e nu, como uma teta de vaca robusta” (p.203). O operário Maheu, trabalhando entre as duas rochas da

mina é descrito como “um pulgão pilhado entre duas folhas de um livro, sob a ameaça de ficar completamente esmagado” (p.36-37). A casa miserável da família Maheu cheira “a gado humano” (p.15). Os mineiros, andando com frio pelo caminho, vão “num tropear de rebanho” (p.23). Ao descerem na gávea para o interior da mina, os operários ficam como que num “encurrular confuso de gado” (p.31), num “carregamento de carne humana” (p.26).

A tabela abaixo mostra, em síntese, os casos apresentados de animalização de personagens.

Tabela 1: Animalização dos personagens

PERSONAGEM	TRAÇO ANIMAL
Catarina	Animal anão de circo
Mulheres	Formigueiro
Jeanlin	Inseto
Filhos de operários	Ninhada
Trabalhadores	Rebanho
A sra. Maheu	Vaca
O operário Maheu	Pulgão
Cheiro da casa da família Maheu	Cheiro de gado humano
Mineiros andando	Tropear de rebanho
Mineiros descendo à mina	Encurrular confuso de gado Carregamento de carne humana

Ainda como resultado da interdiscursividade entre o discurso literário e o discurso científico em *Germinal*, alguns animais são personalizados, isto é, adquirem características humanas. Os animais desempenham um papel importante na dimensão simbólica animista do narrador de *Germinal*, que lhes atribui alma e consciência. O narrador, sob influência do discurso biológico, aproxima homens e animais, tal como nas classificações de mamíferos, primatas etc. No entanto, quando mos-

tra a alma e os sonhos desses animais, ele reafirma seu discurso literário subjetivo. Em *Germinal* a história de Trombeta e de Batalha, cavalos do fundo da mina, tem uma grande carga simbólica.

O cavalo Batalha, no interior da mina, apresenta um “ar bonacheirão” (ZOLA, 1956, p.54) parecendo levar ali “uma vidinha de sábio”, embora, com a idade, seus olhos se velassem “às vezes de certa melancolia”. A memória de Batalha assemelha-se à humana:

Acaso via vagamente, ao fundo das suas meditações obscuras o moinho em que tinha nascido, ao pé de Marchiennes, e que ficava à beira do Scarpe, rodeado de muitas verduras, sempre batido do vento. Alguma coisa tardia no ar, alguma enorme lanterna, cuja exata recordação escapava à sua memória de animal. E ficava-se de cabeça baixa, trêmulo sobre as suas idosas pernas, fazendo inúteis esforços para se lembrar do sol. (Ibid., p.54-55)

Batalha sente “grande amizade” pelo outro cavalo Trombeta, parecendo “a piedade afetuosa de um velho filósofo”, bafejando-lhe o pescoço, “relinchando, umedecendo-o com uma carícia de encorajamento” (p.165).



Ilustração 1

Cavalo trabalhando no interior da mina. In: *Une oeuvre Germinal; un thème Le travail des hommes*. Collection dirigée par Pol Gaillard, Georges Décot et Françoise Rachmuhl. Paris: Hatier, 1981. p. 28

Batalha, prisioneiro da mina pelo resto de sua vida, não é nada menos que a imagem simbólica dos próprios mineiros, que só a morte poderá libertar. Assim como eles, Batalha tem sonhos e lembranças de sua vida “na superfície” e sofre também das condições difíceis do trabalho. Dessa forma, o narrador combina uma visão animal dos homens, sob influência do discurso científico, com uma visão humana dos animais, sob influência do discurso literário.

Além de humanizar os animais, o narrador de *Germinal* atribui características de seres vivos a objetos inanimados, o que é um funcionamento típico do discurso literário. Entretanto, as imagens criadas tendem a ressaltar aspectos da vida animal, sob influência do discurso científico biológico. A entrada da mina, o poço Voreux tem característica de movimento animal: “Diante dele, o Voreux agachava-se com o seu ar de animal daninho, vago, mosqueado de alguns clarões de lanternas. [...] a respiração grossa e lenta da máquina de esgoto, que dia e noite resfolegava” (Ibid., p.118-119). A mesma imagem animalesca aparece em relação ao poço:

O poço engolia homens aos bocados de 20 e 30, e com tão cômodas mastigadelas, que nem parecia senti-los na garganta. [...] Sem um rumor, como um salto de animal noturno, a gávea de ferro surgia do escuro e firmava-se nos trebelhos [...] Assim esteve o poço durante meia hora a devorar homens, de fauces mais ou menos vorazes, segundo a profundidade da expedição a que eles desciam; mas sem parar, sempre esfaimado, com suas tripas gigantescas, capazes de dirigirem um povo. (Ibid., p.25-26)

Tabela 2: Humanização dos animais e animação da natureza

ANIMAIS	SENTIMENTOS HUMANOS
Cavalo Batalha	“ar bonacheirão” “vidinha de sábio” “certa melancolia” “meditações obscuras” “fazendo inúteis esforços para se lembrar do sol” sente “grande amizade” “a piedade afetuosa de um velho filósofo” “com uma carícia de encorajamento”
O poço Voreux	“agachava-se com o seu ar de animal daninho” “engolia homens aos bocados de 20 e 30 e com tão cômodas mastigadelas, que nem parecia senti-los na garganta” “durante meia hora a devorar homens” “sempre esfaimado, com suas tripas gigantescas, capazes de dirigirem um povo”
A máquina de esgoto	“respiração grossa e lenta” “resfolegava”
A gávea	“salto de animal noturno”

A tabela 2 dá visibilidade às fronteiras da formação discursiva literária de *Germinal*, sob influência das formações discursivas do campo científico: as comparações e metáforas do discurso literário tendem a criar imagens humanizadas dos animais e imagens animadas, vivas, dos objetos e elementos da natureza, num modo que remete ao discurso científico. A imagem criada do cavalo Batalha chega a ser mais humana que a dos próprios personagens humanos.

Nas descrições, em *Germinal*, observa-se a influência do discurso científico na forma rigorosa e sistemática, incluindo aspectos quantitativos exatos.

Havia ali quatro lampiões: e os refletores, que projetavam toda a luz à boca do poço, clareava vivamente os corrimãos de ferro,

as alavancas, as madeiras da guia, em que escorregavam as duas gáveas. O resto, a vasta casa, semelhante a uma nave de igreja, ficava numa claridade indecisa, povoada de grandes sombras flutuante; só as lâmpadas emitiam reflexos ao fundo, enquanto no escritório do recebedor, um fraco candeeiro punha como que uma estrela prestes a apagar-se. Acabava de tornar à extração: e, sobre o pavimento de ferro fundido era um trovejar contínuo, os vagões de carvão rolados sem descanso, as corridas dos carregadores, cujas longas espinhas dobradas se distinguíam, por entre o refervilhar de todas aquelas coisas negras e ruidosas que se agitavam. (Ibid., p.24-25)

O narrador tem a preocupação descritiva de quantificar: “Havia ali quatro lâmpadas”, “duas gáveas”, “um fraco candeeiro”. Também detalha os materiais de que são feitos os objetos: “corrimãos de ferro”, “as madeiras da guia”, “pavimento de ferro fundido”. O aspecto dinâmico e processual da cena é destacado por verbos de movimento: “projetavam”, “escorregavam”, “emitiam”, “trovejar”, “rolados sem descanso”, “refervilhar” e “se agitavam”. Esses aspectos quantificadores e de precisão são características do discurso científico. Ainda assim, *Germinal* é, em essência um discurso literário, como se pode ver no uso da metáfora: “um fraco candeeiro punha como que uma estrela prestes a apagar-se.” Continuando o mesmo trecho:

Estêvão ficou por instantes imóvel, ensurdecido, cego. Estava gelado, entravam correntes de ar de todos os lados. Deu então alguns passos, atraído pela máquina em que via agora luzir o aço e o cobre. A máquina ficava por detrás do poço, a vinte e cinco metros, numa casa mais alta, e tão solidamente assentada sobre o seu pedestal de tijolos, que marchava, a toda a velocidade, com toda a sua força de quatrocentos cavalos, sem que o movimento do seu enorme veio, levantando-se e mergulhando com uma brandura azeitada, comunicasse uma tremura ao chão. O maquinista em pé na alavanca do movimento, escutava as campainhas dos sinais, e não tirava os olhos do quadro indicador, onde o poço estava figurado com os seus diferentes andares, numa ranhura vertical, percorrida por chumbos suspensos de cordéis, que simulavam gáveas. E a cada partida, quando a máquina se punha em movimento, os tambores, as duas imensas rodas de cinco metros de raio de aço se enrolavam em sentido

contrário giravam em tamanha velocidade que pareciam uma simples poeira escura. (*Ibidem*)

O rigor quantitativo permanece: “a vinte e cinco metros”, “força de quatrocentos cavalos”, “duas imensas rodas de cinco metros de raio”. Também os detalhes dos materiais: “o aço e o cobre”, “pedestal de tijolos”, “chumbos suspensos de cordéis” e “raio de aço”. O aspecto dinâmico de funcionamento da máquina é descrito por meio dos verbos: “marchava”, “levantando-se e mergulhando”, “se punha em movimento”, “se enrolavam” e “giravam”. O literário, no entanto, continua sendo a característica maior de *Germinal*: os sentimentos de Estêvão sob a forma de percepções sensoriais: “imóvel, ensurdecido, cego. Estava gelado” e o parágrafo termina com uma comparação: “se enrolavam em sentido contrário giravam em tamanha velocidade que pareciam uma simples poeira escura.” A descrição segue:

– arreda! – berravam dois carregadores, que arrastavam uma escada descomunal.

Estêvão estava a ponto de ficar esmagado. Os seus olhos habitavam-se, olhava para o ar, vendo correr os cabos, mais de trinta metros de fita de aço que subiam de um arrojo ao campanário, onde passavam por cima de roldanas para descerem a pique aos postos, a prenderem-se às gáveas de extração. Uma armação de ferro agüentava as roldanas. Era um perpassar de ave, sem um rumor, sem um tropeço, a fuga rápida o contínuo vaivém de um fio de peso enorme, que podia levantar até doze mil quilos, com uma velocidade de dez metros por segundo.

A preocupação quantitativa persiste em: “dois carregadores”, “uma escada descomunal”, “mais de trinta metros de fita”, “doze mil quilos” e “dez metros por segundo”. O detalhe dos materiais reaparece em: “fita de aço” e “armação de ferro”. Os verbos de movimento usados para descrever o funcionamento da máquina são agora: “arreda”, “arrastavam”, “correr”, “subiam”, “passavam”, “descerem”,

“prenderem-se”, “perpassar” e “levantar”, além dos substantivos, “fuga”, “vaivém” e “velocidade”. O caráter literário de *Germinal* é assegurado, em especial, pela metáfora: “Era um perpassar de ave, sem um rumor, sem um tropeço, a fuga rápida o contínuo vaivém de um fio de peso enorme”.

Vê-se, portanto, que a interdiscursividade entre o campo literário e o campo científico, em *Germinal*, não compromete a dominância do primeiro sobre o segundo:

Tabela 3: Traços científicos e literários nas descrições de *Germinal*

QUANTIDADE	MATERIAL	MOVIMENTO	LITERÁRIO
quatro lampiões”, “duas gáveas”, “um fraco candeeiro” “a vinte e cinco metros”, “força de quatrocentos cavalos”, “duas imensas rodas de cinco metros de raio”. “dois carregadores”, “uma escada descomunal”, “mais de trinta metros de fita”, “doze mil quilos” e “dez metros por segundo”.	“corrimãos de ferro”, “as madeiras da guia”, “pavimento de ferro fundido”. “o aço e o cobre”, “pedestal de tijolos”, “chumbos suspensos de cordéis” e “raio de aço”. “fita de aço” e “armação de ferro”	“projetavam”, “escorregavam”, “emitiam”, “trovejaram”, “rolados sem descanso”, “refervilhar” e “se agitavam”. “marchava”, “levantando-se e mergulhando”, “se punha em movimento”, “se enrolavam” e “giravam”. “arreda”, “arrastavam”, “correr”, “subiam”, “passavam”, “descerem”, “prenderem-se”, “perpassar” e “levantar”, além dos substantivos, “fuga”, “vaivém” e “velocidade”.	“um fraco candeeiro punha como que uma estrela prestes a apagar-se.” “imóvel, ensurdecido, cego. Estava gelado” e o parágrafo termina com uma comparação: “se enrolavam em sentido contrário giravam em tamanha velocidade que pareciam uma simples poeira escura.” “Era um perpassar de ave, sem um rumor, sem um tropeço, a fuga rápida o contínuo vaivém de um fio de peso enorme”.

A medicina, na França do século XIX, já tinha se firmado como ciência e seu discurso científico tinha prestígio. Por isso, este aparece no discurso literário de *Germinal*:

Foi a água que se me introduziu na pele, a força de apanhar feixes nos cortes. Há dias em que não posso mexer sem gemer.

Tornou-o a interromper um ataque de tosse [...] não tossia nunca, e agora não me liberto disto... O mais bonito é que escarro... é que escarro...

Subiu-lhe da garganta um pigarrear, e escarrou um catarro preto.

- Isso é sangue? – perguntou Estêvão.

Boa-morte, mansamente, limpava a boca com as costas da mão:

- É carvão... tenho no cadáver com que me esquentar até acabar meus dias (ZOLA, 1956, p.11-12)

Ninguém mais falou, todos se entorpeciam com aquele recrudescer dos seus males, o avô tossindo, escarrando preto, de novo invadido pelo reumatismo, que descambava em hidropisia, o pai asmático, com os joelhos ensopados de água, a mãe e os pequenos minados pelas escrófulas e pela anemia hereditária (*Idem.*, p. 227).

A concepção científica do homem, associando condições de vida e doenças, se entrelaça com a narrativa da condição humana, própria do discurso literário. “Boa Morte” vê a si mesmo sem revolta nem comiseração, e até com um pouco de ironia. Numa relação lógica de causa e efeito, da formação discursiva científica, a tosse do mineiro está associada à água: “Foi a água que se me introduziu na pele, a força de apanhar feixes nos cortes”. De um modo geral, as condições de trabalho na mina são responsáveis pelo: “o avô tossindo, escarrando preto, de novo invadido pelo reumatismo, que descambava em hidropisia, o pai asmático, com os joelhos ensopados de água, a mãe e os pequenos minados pelas escrófulas e pela anemia hereditária”. Ainda assim, o sentido que o personagem consegue dar à sua própria condição perpassa um misto de fatalidade, de conformação e uma escassa

consciência crítica, manifestada pelo recurso literário da ironia. O velho Boa Morte ironiza o que supostamente se diz dele: “O mais bonito é que escarro... é que escarro...” e, logo adiante: “tenho no cadáver com que me esquentar até acabar meus dias”. É como se estivesse referindo-se aos comentários de outros sobre seu escarro preto. Tal ironia se constitui em uma forma de responder, silenciar e desautorizar os autores desses comentários (MARIANI, 1999, p.117). A ironia é um caso de polifonia (CARDOSO, 1999, p.70-71): o locutor responsável coloca em cena um enunciador e o faz dizer coisas absurdas, numa posição que o primeiro não quer assumir. Boa Morte coloca em cena um enunciador que representa as pessoas que fazem comentários sobre seu estado de saúde, do tipo: “Ele escarra preto!” e “Ele tem dentro do corpo carvão para esquentá-lo!” Esses comentários não podem ser assumidos por ele mesmo, uma vez que o desqualificam. Por isso, Boa Morte os repete, mas num tom irônico: “O mais bonito é que escarro” A ironia reside justamente na associação de “bonito” com “escarro”. Em “tenho no cadáver com que me esquentar até acabar meus dias”, a ironia reside justamente no relacionar o fato de ter carvão no corpo com o ter com que esquentar-se. Esse tom irônico realiza dois movimentos de sentido:

- 1) Deixa claro que o enunciado não pertence ao enunciador Boa Morte, embora seja dito por ele, enquanto locutor.
- 2) Desqualifica tal enunciado e seu enunciador, considerando-o, de alguma forma, inadequado.

O discurso irônico sustenta, pois, o insustentável por meio de um jogo polifônico: “É bonito escarrar!” e “É bom ter carvão no corpo porque você tem com que se

esquentar no inverno”. Trata-se de um ponto de vista absurdo, dito pelo locutor Boa Morte, mas sem que ele assuma a responsabilidade, ou seja, ele assume as palavras, mas não o ponto de vista que elas representam. Ao mesmo tempo em que repete os comentários de outros, o locutor *mostra*, pela ironia, que eles são inadequados e que devem ser lidos com outro significado.

Além disso, o próprio nome do personagem, Boa Morte, acentua o caráter irônico do texto. Dessa forma, observa-se que a interdiscursividade com o discurso científico da medicina, mantém-se submetida ao caráter literário dominante de *Germinal*, por meio do recurso da ironia.

O campo literário

No entanto, essa enorme influência do discurso científico não afasta *Germinal* da paixão no comportamento humano, o que o mantém, essencialmente, um discurso literário. Ficasse preso apenas aos aspectos sociais, econômicos e políticos, o texto seria um documentário e não um romance. O tema do amor, um dos mais recorrentes no discurso literário, é tratado com o objetivo de cativar a atenção do leitor, ora tocando sua sensibilidade, ora atiçando sua curiosidade.

Em outubro, uma dessas primeiras noites de frio, Estêvão, excitado por estar a falar, cá em baixo, não pôde pegar no sono. Vira Catarina meter-se na cama, e apagar logo após a vela. [...] No escuro estava como que morta, mas ele percebia que ela também não dormia; e também sentia que pensava nele, como ele pensava nela; nunca aquela silenciosa troca do seu ser os encheira de tão grande perturbação. [...] Era uma estupidez, andarem com tão grande desejo um do outro e nunca se contentarem. Para que andarem assim a morrer com os seus desejos? [...] Os

pequenos dormiam, ela também queria, ele estava certo de que ela o esperava, abafada, e que lhe deitaria logo os braços ao pescoço, muda, e de dentes cerrados. [...] Quanto mais viviam juntos, mais se levantava uma barreira de vergonha, de delicadeza, de amizade, de asco, que nem eles mesmos compreendiam. (ZOLA, 1956, p. 152)

O amor mobiliza a afetividade dos personagens e alimenta a trama com suas peripécias habituais: inveja, silêncios que levam a mal-entendidos, as dificuldades de uma heroína frágil e corajosa, os abandonos e as voltas, e finalmente a morte. Ao ver Catarina e Chaval juntos, Estêvão

parecia doido, cerrava os punhos, não sentia a menor dúvida, eram bem os seus aqueles olhos, com a sua limpidez esverdeada de água da fonte, vontade era matar aquele homem, numa dessas necessidades de morticínio que o cegavam. (Ibid., p.117-118)

O amor de Estêvão e Catarina tem seu ápice, imediatamente seguido de um final trágico:

Pendurara-se de um pulo ao pescoço dele, procurava-lhe a boca, aplicou-lhe apaixonadamente a dela. As trevas iluminaram-se, tornou a ver o sol, readquiriu um rir calmo de amante. Ele fortemente por senti-la assim junto da sua carne, seminua, sob a jaqueta e as calças em farrapos, agarrou-a sobre si, num despertar intenso de virilidade. E foi enfim a sua noite de núpcias, no fundo daquele túmulo, sobre aquele leito de lama, a necessidade de não morrer sem o seu quinhão de viver e dar vida. Amaram-se no desespero de tudo, na morte. [...] Estêvão mantinha-se assentado no chão, sempre ao mesmo canto, e tinha Catarina sobre os joelhos, deitada, imóvel. Passaram-se horas e horas. Longo tempo ele julgou que ela dormia; apalpou-a, estava muito fria, estava morta. (Ibid., p. 442-443).

Apesar da intensa paixão entre Estêvão e Catarina, o espaço no romance dedicado a esses sentimentos é inferior ao ocupado pelas massas, seja em sua vida cotidiana na mina e no cortiço, seja nos deslocamentos de uma multidão descontrolada de

grevistas. No entanto, o caráter literário do discurso de *Germinal* é assegurado pelos sentimentos desse triângulo amoroso.

Uma das características do discurso literário é a ambigüidade, presente em autores como, “Dante, Rabelais, Shakespeare, Joyce” e em obras de literatura “que se esforçam para ser tão ambíguas quanto a vida” (ECO, 1994. p.123). Em *Germinal*, essa ambigüidade pode ser vista no triângulo amoroso formado por Chaval, Estêvão e Catarina. O leitor é mantido em dúvida sobre com qual dos dois homens Catarina vai ficar. A ambigüidade nas relações entre esses personagens começa quando Estêvão confunde Catarina com um rapaz:

– Venha daí – disse Catarina – temos serviço para lhe dar.

De início, não compreendeu. Depois, teve um sobressalto de alegria, apertou energicamente as mãos à moça:

– Obrigado, camarada!... Você é bom rapaz!

Ela pôs-se a rir, encarando-o [...] Achava graça naquilo, ele toma-la por um rapaz (ZOLA, 1956, p. 29).

Então ela pôs-se também a rir – Sempre era muito parvo, em tomá-la ainda por um rapaz! Então ele não tinha olhos? (Ibid., p.32).

Então tu es uma moça? – murmurou ele, admirado.

Ela respondeu, com o seu modo alegre, decidido:

– Está visto... Levou tempo a dares com isto! (Ibid., p.36).

A ambigüidade continua quando começa a competição entre Estêvão e Chaval pelo amor de Catarina:

Ela bebeu outro gole, e forçou-o a beber também mais, para re-partir, dizia ela; e dava-lhe vontade de rir aquele gargalo delgado passando de boca em boca. Ele, de sopetão, pusera-se a matutar se não devia tomá-la nos braços, para lhe beijar a boca. A moça tinha os lábios grossos de um cor-de-rosa pálido, avivada pelo carvão; e esses lábios ralavam-no de um desejo crescente. Mas não se afoitava, estava intimidado diante dela, porque não

tivera relações em Lille senão com rameiras do fado, e da mais baixa espécie; e não sabia como se haver com uma operaria que vivia com a família (Ibid., p. 44).

Quando Estêvão parece estar decidido a beijar Catarina, Chaval aparece e a toma primeiro:

Havia um pedaço, que o Chaval, em pé, os seguia de longe. Avançou, certificou-se de que o Maheu não podia vê-lo; e como Catarina tivesse ficado no chão, sentada, tomou-a pelos ombros, tomou-lhe a cabeça, e tapou-lhe a boca com um beijo brutal, tranqüilamente, fazendo gala em não se importar com a presença de Estêvão. Havia naquele beijo uma tomada de posse, uma espécie de resolução ciumenta (Ibid., p. 45).

Ao se sentir atraída por Chaval, Catarina não tem certeza do que ele sente por ela:

Já ele a tomava pela cintura, e a fazia zozona com uma carícia contínua de palavras – Toleirona, ter medo! Pois ele fazia-lhe algum mal, coitadinha, tão macia como um veludo, tão tenra que o gosto dele era devorá-la! – E bafejava-a detrás da orelha, no pescoço, fazendo-lhe passar um ventinho por toda a pele do corpo. Ela, sem respiração, não atinava com a resposta – É verdade, ele parecia amá-la... (Ibid., p.115-116. Grifo nosso.).

Estêvão e Catarina, dormindo no mesmo quarto, não têm clareza sobre o que um sente pelo outro:

Os pais estavam por perto, e de resto ele guardava por ela um sentimento misto de amizade e de rancor, que o impedia de a tratar como moça que se cobiça [...] E ao fim do primeiro mês, Estêvão e Catarina pareciam nem já se observarem, quando à noite andavam nus pelo quarto, antes de apagada a luz [...] Outras noites, ela, sem razão aparente, caía numa atrapalhão pudica, fugia, metia-se entre os lençóis, como se sentisse as mãos daquele rapaz a querer agarrá-la. Depois, apagada a luz, compreendiam que não pegavam no sono, e que pensavam um no outro, apesar de esfalfados (Ibid., p.143).

Quando os dois começam a admitir que se sentem atraídos mutuamente, já o relacionamento de Catarina e Chaval está firmado:

Estêvão sentia um forte estremeço que o fazia voltar as costas, com receio de ceder à tentação de se arrojar a ela (Ibid., p.143). Mas Catarina, principalmente com o queixo fincado na mão, parecia devorar com os seus grandes olhos claros as palavras de Estêvão, quando ele protestava, dizendo a sua fé, abrindo o encantado paraíso de seu sonho social (Ibid., p.148).

No entanto, o relacionamento de Catarina e Chaval não impede que continue a crescer um desejo mútuo entre ela e Estêvão:

Em outubro, uma dessas primeiras noites de frio, Estêvão, excitado por ter estado a falar, cá em baixo, não pôde pegar no sono. Vira Catarina meter-se na cama, e apagar logo após a vela. A moça parecia toda no ar, também com um desses pudores que ainda às vezes a faziam arranjar-se à pressa, tão desastradamente que se descobria ainda mais. No escuro estava como que morta, mas ele percebia que ela também não dormia; e também sentia que pensava nele, como ele pensava nela; nunca aquela silenciosa troca do seu ser os encheria de tão grande perturbação. Correram minutos, nem ela nem ele se moviam, só a respiração se lhes tomava às vezes apesar do esforço que faziam para não o dar a conhecer. Duas vezes ele esteve para se levantar e ir meter-se na cama dela. Era uma estupidez, andarem com tão grande desejo um do outro e nunca se contentarem. Para andarem assim a morrer com os seus desejos? Os pequenos dormiam, ela também queria, ele estava certo de que ela o estava, abafada, e que lhe deitaria logo os braços ao pescoço, muda, e de dentes cerrados. Passou-se perto de uma hora. Ele não foi ter com ela e ela não se voltou, receando chamá-lo. Quanto mais viviam juntos, mais se levantava uma barreira de vergonha, de delicadeza, de amizade, de asco, que nem eles mesmos compreendiam (Ibid., p.152).

A ambigüidade no relacionamento entre Catarina e Estêvão só se esclarece no final do romance, quando ambos estão presos no fundo da mina:

Aqui me tens, ficamos juntos, sempre, sempre!
Cingia-o, afagava-o longamente, continuando num tagarelar de donzela contente:
– Que tolos nós fomos, esperar tanto tempo! Eu quis-te sempre, e tu não compreendeste, amuaste... Depois, recordas-te? Em nossa casa, de noite, quando não podíamos dormir, de costas para o ar, ouvindo a respiração um do outro, com uma vontade intensa de nos abraçarmos?

Estêvão invadido por aquela alegria, gracejou com as recordações da sua mútua ternura:

– Bateste-me uma vez. É verdade, lembras-te?

– Porque te amava – balbuciou ela – Então que queres? Eu não queria pensar em ti, lembrando-me que não era bonito; e sabia que mais dia menos dia estaríamos juntos. O que faltava era a ocasião, pois não era? (Ibid., p. 441).

Finalmente, esclarecidas as ambigüidades, o amor de Estêvão e Catarina se consuma:

Pendurara-se de um pulo ao pescoço dele, procurava-lhe a boca, aplicou-lhe apaixonadamente a dela. As trevas iluminaram-se, tornou a ver o sol, readquiriu um rir calmo de amante. Ele fremente por senti-la assim junto da sua carne, seminua sob a jaqueta e as calças em farrapos, agarrou-a sobre si, num despertar intenso de virilidade. E foi enfim a sua noite de núpcias, no fundo daquele túmulo, sobre aquele leito de lama, a necessidade de não morrer sem o seu quinhão de viver e de dar vida. Amaram-se no desespero de tudo, na morte (Ibid., p.442).

A ambigüidade na relação amorosa entre Catarina e Estêvão, mantida pelo narrador até o final do romance, constitui um traço dominante do discurso literário em *Germinal*. Cabe lembrar aqui as ambigüidades de outro relacionamento amoroso clássico na literatura: o de Romeu e Julieta, de Shakespeare. O casal apaixonado usa de mil subterfúgios para manter oculto o seu relacionamento, até desembocarem num final igualmente trágico. O crescimento do desejo entre Catarina e Estêvão é mantido pelo narrador num estado de indefinição, prendendo o leitor tal como o suspense e o mistério de um romance policial, o que caracteriza *Germinal* como um discurso essencialmente literário.

A ambigüidade nas relações amorosas também aparece em outro triângulo amoroso, formado pelo casal Hennebeau e o sobrinho Paulo Négrel. Aqui a ambigüidade não ocorre em nível dos fatos, mas em nível da aceitação desses fatos pelo personagem Sr. Hennebeau.

Paulo é recebido na casa do tio:

A esse tempo, Paulo Négrel chegava a Montsou [...] e seu tio, o senhor Hennebeau acabava de admiti-lo no cargo de engenheiro no Voreux. Desde então, tratado como filho da casa, teve ali o seu quarto, ali comeu e ali viveu [...] A senhora Hennebeau tomara logo o papel de boa tia, tratando o sobrinho por tu, velando pelo seu bem-estar [...] Naturalmente, uma noite, ele achou-se nos braços dela; e ela pareceu render-se por bondade [...] As suas relações continuavam, um brinquito de recreação, em que ela punha as suas derradeiras ternuras de mulher ociosa e acabada (ZOLA, 1956, p.177).

A ambigüidade fica por conta das desconfianças do Sr. Hennebeau do relacionamento quase incestuoso entre sua mulher e o sobrinho: o narrador deixa o leitor na dúvida se o marido e tio realmente não tem certeza do que está ocorrendo, ou se prefere a dúvida à certeza. Só após dois anos de iniciado o romance entre sua mulher e o sobrinho é que ele começa a desconfiar de alguma coisa:

Tinham decorrido dois anos. Uma noite, o senhor Hennebeau, ouvindo passar a porta do seu quarto gente descalça, suspeitou. Mas revoltava-o essa nova aventura, em sua casa, debaixo do seu teto, entre aquela mãe e aquele filho (p.177).

Apesar das evidências, nada convence, de forma definitiva, esse homem traído. No entanto, com o decorrer da trama, a dolorosa revelação lhe aparece por um acaso do destino, quando ele vai procurar uma carta no quarto do Négrel e descobre a prova do adultério.

Voltou ao seu gabinete, quis ler uma carta que tinha incumbido o Négrel de escrever na véspera para o prefeito. Mas não conseguiu encontrá-la; talvez ele a tivesse deixado no quarto, onde às vezes escrevia de noite. E sem tomar decisão de qualquer natu-

reza, perseguido pela idéia desse papel, subiu ele mesmo ao quarto.

Entretanto, senhor Hennebeau teve uma surpresa: - o quarto ainda não estava arranjado, sem dúvida esquecimento ou preguiça [...] Reinava ali uma calor sufocante, o requeitado de uma noite inteira, engrossado pela boca do fogão de inverno, que ficara aberto e sufocou-o um perfume penetrante, que julgou ser o cheiro das águas de toalete, de que estava cheia a bacia. Grande desordem amontoava-se na sala, roupas espalhadas, toalhas nas costas das cadeiras, a cama aberta, um lençol meio caído sobre o tapete. Aliás, teve a princípio um olhar distraído, dirigira-se para uma mesinha cheia de papéis, procurava a maldita carta. Duas vezes examinou os papeis, um a um; nada. Aonde a teria posto aquele cabeça vazia?

E como o senhor Hennebeau voltasse ao meio do quarto a deitar os olhos para cada móvel, notou na cama aberta, um ponto vivo que brilhava como uma faúlha. Aproximou-se maquinalmente, meteu a mão. Era um frasquinho de ouro, amolgado, esborrachado, entre duas pregas do lençol. Tinha imediatamente reconhecido um frasco da senhora Hennebeau, o frasco de éter, do qual nunca se separava. Mas não compreendia ainda: - como teria aquele objeto vindo para cama de Paulo? E de repente fez-se horrivelmente pálido: sua mulher tinha dormido ali (Ibid., p. 97-298).

Após dois anos de adultério é que o marido começara a desconfiar, só vindo a certeza após a prova material do “frasquinho”, encontrado na cama de Négrel. Diante de um marido que tarda a desconfiar e que só encontra, por acaso, a prova da infidelidade da esposa, o narrador cria uma certa ambigüidade: o marido *não sabia* ou *não queria saber* da nova traição da mulher?

A ambigüidade recobre todo o relacionamento marido e mulher: ela o despreza, mas dele não se separa; ele é apaixonado por ela, mas não consegue conquistá-la:

Uma irritação crescente desafeiçoava a senhora Hennebeau, criada no respeito do dinheiro, desdenhosa daquele marido que a muito custo ganhava uns ordenhados medíocres, e de que ela não tirava nenhuma das satisfações de vaidade com que sonhara no colégio [...] Partiu dali o desacordo, agravado por um desses singulares equívocos da carne que gelam os mais ardentes: - ele tinha loucura pela sua mulher, ela era de uma sensualidade de

loura gulosa, e dormiam separados, abespinhados, ofendidos. A mulher teve desde então um amante. Ele não soube [...] Os dez anos que ela passou em Paris, foram ocupados por uma grande paixão, uma ligação pública com um homem, cujo desdém a ia matando. Dessa feita, o marido não tinha podido conservar a sua ignorância; mas resignou-se, no final de cenas abomináveis, desarmado pela tranqüila inconsciência daquela mulher que ia procurar a felicidade aonde a encontrava. (Ibid., p.176)

Tal como entre os mineiros, também as relações amorosas entre os burgueses, criados “no respeito do dinheiro”, se transformam em manifestações instintivas: “equivocos da carne que gelam os mais ardentes” e “sensualidade de loura gulosa”. O próprio Hennebeau, ao ouvir rumores de casais se amando no campo à noite, compara sua vida sexual com a dos operários:

Tinha encontrado pares, um lento desfilar de passeantes, por aquela bonita noite de inverno. Mais namorados que iam, de bocas unidas, regalar-se por detrás dos muros; pois não eram os seus encontros habituais, moças arregaçadas no ângulo da cada sebe, miseráveis fartando-se da única alegria que não custava nada? E queixavam-se aqueles idiotas da vida, quando tinham, às barrigadas, aquela felicidade incomparável de se amarem! De bom grado queria rebentar de fome como eles, se pudesse recomeçar a existência com uma mulher que se lhe entregasse em cima de pedregulhos, de corpo e alma. (Ibid., p.244)

O senhor Hennebeau, ao mesmo tempo em que preferia “rebentar de fome”, desde que tivesse uma mulher “que se lhe entregasse em cima de pedregulhos, de corpo e alma”, “resignou-se” às seguidas traições da esposa, num comportamento contraditório e ambíguo. Burgueses e proletários têm suas relações amorosas representadas, de forma dominante, pelo narrador, com os mesmos traços instintivos animais: uma mulher que se entrega “em cima de pedregulhos, de corpo e alma”; o aspecto humano-cultural aparece apenas numa única palavra: “alma”.

Além dos triângulos amorosos entre Catarina, Chaval e Estêvão; e entre o casal Hennebeau e o sobrinho Paulo, o discurso literário de *Germinal* aborda outras paixões humanas, igualmente fortes, como a ambição pelo poder:

A partir dessa época, operou-se em Estêvão uma transformação lenta. Instintos de elegância e de bem-estar, adormecidos na sua miséria, revelaram-se e fizeram-lhe comprar bons ternos. Comprou um par de botas novas, e então é que ficou arvorado em chefe; todo o cortiço se agrupou em volta dele. Foram satisfações gostosas de amor próprio, embriagou-se com aqueles primeiros gozos da popularidade: estar à frente de outros, mandar [...] o seu sonho de uma revolução que estava nas vésperas, em que ele desempenharia um papel. Mudou-lhe a fisionomia, fez-se grave, a ouvir a própria voz; enquanto a sua ambição nascente o lançava em idéias mais rubras (ZOLA, 1956, p. 151).

O trecho acima mostra um mergulho na alma humana, típico do discurso literário: Estêvão é tomado por “instintos de elegância” que estavam “adormecidos na sua miséria”. O sonho revolucionário se mistura, de forma ambígua, com ambições pessoais mesquinhas de poder e prestígio. Essa ambigüidade de Estêvão, entre a causa da revolução e a causa própria, aparece no final do romance:

Pensava em si, sentia-se forte, amadurecido pela sua lúcida experiência no fundo da mina. Estava perfeita a sua educação, partia bem armado – soldado da revolução pelo raciocínio em guerra aberta com a sociedade, tal como a via e condenava. A alegria de ir ter com Pluchart, de ser como Pluchart um chefe atendido, inspirava-lhe discursos, fazia-lhe acudir frases que já ia preparando (...) E via-se já na tribuna, triunfando com o povo. (Ibid., p. 452)

Ao mesmo tempo em que se sentia um “soldado da revolução”, armado com a educação adquirida na greve dos mineiros, “em guerra aberta com a sociedade”, Estêvão também sente o desejo “de ser como Pluchart um chefe atendido”, vendo-se “já na tribuna, triunfando com o povo”. Essa ambigüidade de Estêvão, já quase colocando o partido e a luta do proletariado a serviço de suas ambições pessoais,

de uma certa forma, pode-se dizer que antecipa o burocratismo autoritário da experiência socialista posterior, no leste europeu.

Dividido entre suas ambições pessoais de poder e o sonho socialista, Estêvão chega a imaginar uma revolução sem luta, sem derramamento de sangue:

E agora, pensava talvez que a violência não apressa as coisas. Cabos cortados, carris arrancado, lanternas espatifadas – que inútil trabalhadeira! Se valia a pena por tão pouco andarem três mil homens correndo, num bando devastador!... Adivinhava vagamente que a legalidade, um dia, podia ser mais terrível [...] – O grande golpe seria arregimentar-se tranqüilamente, conhecerem-se, reunirem-se em sindicatos, quando as leis o permitissem; e depois, logo que se vissem fortes – milhões de trabalhadores defronte de simples milhares de ociosos (Ibid., p. 454).

Nesse ponto, o narrador de *Germinal* se refere a outra tendência do movimento socialista internacional: o reformismo, isto é, a crença em uma vitória do proletariado por meio apenas dos “sindicatos, quando as leis o permitissem”, em decorrência de uma razão apenas quantitativa: “milhões de trabalhadores defronte de simples milhares de ociosos”.

Uma outra tendência do movimento socialista da época, o anarquismo, também é apresentada por meio do personagem Souvarine, um misto de teórico revolucionário e de vingador apaixonado e extremado:

– Lorotas! – repetiu Suvarine – Lá o Karl Marx ainda está em querer deixar as forças naturais. Nada de política, nada de conspiração, hein? Tudo às claras, e só para elevação dos salários... Ora deixem-me cá tal evolução! Ponham fogo aos quatro cantos da cidade, ceifem os povos, arrasem tudo, e quando nada sobrar deste mundo podre, talvez surja dele outro melhor (Ibid., p.126)

– Lorotas! ... Mas entretanto, vá lá... Aliás, a Internacional vai trabalhar, não tarda. Ele anda a tratar disso

– Ele quem?

– Ele.

Tinha pronunciado aquela palavra a meia voz, com ar de fervor religioso, deitando os olhos ao Oriente. Era do mestre que ele falava, de Bakunine, o exterminador. (Ibid., p.212)

Souvarine resume bem a interdiscursividade em *Germinal*: alia o rigor da análise político-social: “Lá o Karl Marx ainda está em querer deixar as forças naturais”, com a paixão política: “Ponham fogo aos quatro cantos da cidade”.

No entanto, a grande personagem do romance, isto é, a luta de classes, aparece mais ligada ao funcionamento discursivo da ciência, sem qualquer ambigüidade, conforme a estrutura lógica vista acima. Portanto, em *Germinal*, um funcionamento discursivo literário estabelece a ambigüidade no relacionamento amoroso entre Catarina, Chaval e Estêvão. O mesmo funcionamento aparece na paixão de Estêvão pelo poder. Porém, simultaneamente, um funcionamento discursivo científico elimina essa ambigüidade, quanto aos grandes movimentos sociais que dominam o romance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso científico e o discurso literário, antes opostos, em *Germinal* formam uma aliança. O discurso científico se inscreve no coração mesmo do intradiscurso literário. Conforme visto, o campo discursivo literário e o campo discursivo científico aparecem em *Germinal*, não de forma isolada, mas em uma intensa circulação do saber, de um para o outro, ocorrendo trocas bastante diversificadas, tornando o romance também uma contribuição ao conhecimento e fundindo criação literária com investigação científica.

Desta forma, podemos nos perguntar se *Germinal* é um documento objetivo e preciso ou um romance onde se revela toda a subjetividade do autor. Zola parece unir estes dois aspectos em sua obra, um verdadeiro autor naturalista, quase “científico” e ao mesmo tempo um poeta épico. Isso faz de *Germinal* um romance de uma infinita riqueza, podendo ser abordado sob diferentes ângulos, gerando sempre questionamentos e polemica. (ABASTADO, 1970, p.4-5)

As condições de produção de *Germinal*, ou seja, a formação social francesa no século XIX, inclui uma intensa luta social, com a participação de movimentos operários, organizados sob a orientação de diferentes teorias socialistas, como o marxismo, o anarquismo e o reformismo. Tais condições de produção aparecem vivamente em *Germinal*, chegando mesmo a constituir-se no grande tema do romance.

Este trabalho pretendeu analisar a interdiscursividade entre os campos literário e científico em *Germinal*. No campo científico, foram analisadas, principalmente, interferências das teorias sociais, voltadas para a economia e política; e da biolo-

gia, valorizando aspectos da hereditariedade, dos instintos animais e da medicina. *Germinal* é, em essência, um discurso literário, mas com as fronteiras ampliadas em direção ao campo científico.

A influência das teorias socialistas, conforme já visto, está presente no tema do romance e na posição engajada do seu narrador, manifestada tanto pelo locutor principal quanto por dezenas de outros, representados por diversos personagens. Em alguns momentos, a fala de Estêvão, de Pluchart e de outros mineiros soa como reafirmações de princípios doutrinários socialistas. A crença científica na vitória do proletariado é encarnada pelos personagens, mesmo quando a greve fracassa. Observa-se, portanto, um discurso literário em que os personagens deixam de ser puramente individuais, para se tornarem coletivos, sob influência dos discursos científicos socialistas.

Nas condições de produção, sabe-se que Zola participou de reuniões de organizações operárias socialistas o que se relaciona com o ponto de vista do narrador de *Germinal*, francamente inclinado a uma visão marxista. Embora o romance apresente uma fábula e uma trama ligadas a personagens individuais e suas paixões, próprias do discurso literário, a luta da classe operária contra os burgueses, em uma movimentação coletiva, constitui o grande pano de fundo, ocupando a maior parte das páginas do texto, sob influência do discurso científico da economia política da época. Observam-se referências diretas do narrador a Karl Marx, Proudhon e Bakunine, além de outros. O personagem Souvarine retrata as divisões político-ideológicas do movimento operário da época, com seu discurso radical, enquanto

Pluchart, de forma profética, antecipa o burocratismo estatal que irá se desenvolver na Rússia, após a revolução de 1917.

Um outro funcionamento discursivo científico que intervém no discurso literário de *Germinal* é sua estrutura de tese, isto é, a trama romanesca está submetida ao objetivo de “provar” um determinado princípio teórico. As peripécias amorosas entre Estêvão, Catarina e Chaval servem para visualizar a contradição social entre burgueses e mineiros e para provar que, apesar dos desacertos e do aparente fracasso, a luta operária está apenas começando, ou melhor, *germinando*.

A trama do romance, isto é, a seqüência da narração, segue um modelo de descrição científica de um processo natural: começa com as condições miseráveis de trabalho e de vida dos mineiros, seguida do agravamento dessas condições pela diminuição dos salários e exigências de mais trabalhos não pagos. Essa situação, por si mesma já extrema, agrava-se com a diminuição dos salários e aumento do trabalho não pago. Como uma decorrência lógica desses acontecimentos, o movimento operário começa a organizar-se e a formar sua liderança. A explosão da greve é mostrada como um desenvolvimento lógico e inevitável, assume aspectos sangrentos de uma revolução e foge ao controle dos seus líderes, até ser vencida pela repressão policial e pela fome dos trabalhadores. No entanto, o narrador de *Germinal* transforma a derrota dos mineiros no alvorecer de um novo dia para a classe operária, renunciando novas revoltas, até a vitória final. Dessa forma, a trama romanesca literária se aproxima de uma estrutura lógica do discurso científico: introdução, problema, metodologia, análise e conclusão. O processo de interdiscursividade entre o campo científico e o campo literário assume formas pro-

fundas e não apenas superficiais. Além de conceitos e doutrinas socialistas, enunciadas pelos personagens e pelo próprio narrador, a influência científica alcança mesmo a própria constituição estrutural da trama narrativa.

Além das teorias socialistas, um outro discurso do campo científico que se manifesta em *Germinal* é o da Biologia. A intensidade das paixões humanas, objeto do discurso literário, é mostrada como impulsos instintivos, objeto do discurso científico da biologia. Nessa perspectiva, o homem não é livre, mas é uma consequência das influências ou forças existentes no meio ambiente ou transmitidas pela hereditariedade. O rigor descritivo do discurso científico aparece no detalhe dos materiais e na exatidão das medidas de tempo e de espaço. A hereditariedade determinista aparece juntamente com outro conceito vigente no discurso científico biológico do século XIX, o conceito de “raça”. A hereditariedade da raça e as condições do meio ambiente, determinam o comportamento humano. Os comportamentos dos mineiros, em *Germinal*, são determinados pelas suas condições de vida e de trabalho, da mesma forma que em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (1979), o comportamento dos personagens é moldado pelo lugar onde vivem.

Se o processo interdiscursivo em *Germinal* tende, por um lado, a reduzir os personagens humanos à condição animal, por outro, tende a elevar os animais à condição humana, tornando rarefeita e indefinida a fronteira entre esta espécie e os outros animais.

A medicina, na França do século XIX, já tinha se firmado como ciência e seu discurso científico tinha prestígio. Por isso, este aparece no discurso literário de

Germinal, associando sintomas a doenças e estas, às condições de vida e de trabalho dos mineiros.

O discurso literário

No entanto, essa enorme influência do discurso científico não afasta *Germinal* do comportamento humano, o que o mantém, essencialmente, um discurso literário. Ficasse preso apenas aos aspectos sociais, econômicos e políticos, o texto seria um documentário e não um romance.

O tema do amor, recorrente no discurso literário, mobiliza a afetividade dos personagens e alimenta a trama com suas peripécias habituais: inveja, silêncios que levam a mal-entendidos. Outra característica do discurso literário é a ambigüidade que, em *Germinal*, pode ser vista quanto ao desfecho do triângulo amoroso entre Catarina, Chaval e Estêvão, somente resolvido no final do romance, de maneira trágica.

A ambigüidade no jogo de paixões, em *Germinal*, não se restringe a esse triângulo amoroso, mas também pode ser visto na atuação política de Estêvão, que termina entre a dedicação à causa proletária e a preocupação com a própria carreira e ascensão.

O recurso literário da ironia, um processo de polifonia, é usado, pelo menos em duas partes: na primeira, para estabelecer uma visão crítica do carreirismo de Pluchart; na segunda, o velho Boa Morte desqualifica aqueles que comentam seu es-

tado de saúde. Tal recurso, inaceitável no discurso científico, comprova o caráter literário dominante em *Germinal*.

A metáfora é outro recurso literário preponderante em *Germinal*. O uso metafórico da linguagem consiste em nomear uma coisa com o nome de outra, a partir de propriedades compartilhadas entre ambas, criando-se um novo sentido. As influências do discurso científico, como a logicidade e o empirismo, não se sobrepõem ao funcionamento literário de *Germinal*, inclusive ao uso constante de metáforas.

Vê-se, portanto, que as formações discursivas do campo literário são ambíguas e subjetivas, usando recursos como a metáfora e a ironia, enquanto as formações discursivas do campo científico são objetivas e precisas, com descrições exatas e detalhadas. No entanto, em *Germinal*, ao mesmo tempo em que se opõem, também estabelecem uma relação de cooperação, no processo de interdiscursividade. Nessa perspectiva, esse trabalho pode contribuir para uma compreensão do estilo naturalista, em literatura, enquanto um espaço de troca entre os discursos literário e científico.

REFERÊNCIAS

ABASTADO, Claude. *Germinal Zola*. Coleção: Profil d'une oeuvre. Paris: Hatier, 1970.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Martins, 1981.

BENVENISTE, Émile. O Aparelho Formal da Enunciação. In _____. *Problemas de lingüística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 81-90.

BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à análise do discurso*. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Trad. Guy Reynaud. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ECO, Umberto. *Semiótica e filosofia da linguagem*. Trad. Mariarosário Fabris e José Luiz Fiorin. São Paulo: Ática, 1991.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

HALLIDAY, M. A. K. McINTOSH, Angus. STREVENS, Peter. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Tradução de Myriam Freire Morau. Petrópolis: Vozes, 1974.

INDURSKY, Freda. Evolução da Noção de Sujeito em Análise do Discurso. *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico*. Florianópolis: Abralín, 2000. p. 1467-74.

LACAN, Jacques. *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. 2. ed. Trad. Marie Christine Lasnik Penot. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAGARDE, André e MICHARD Laurent. *XIX^o siècle, Les grands auteurs Français du programme*. Tome V. Paris / Montréal: Bordas 1969.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 2. ed. Trad. Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. pp. 102-121.

MARX, Karl. *O capital*. Trad. Ronaldo Alves Schmidt. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MASIP, Fernando. Comunicação apresentada em curso especial na UESC-Ba, em 14 de janeiro de 1997.

MITTMANN, Solange. Nem lá, nem aqui: o percurso de um enunciado. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. pp. 271-277.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino. As abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento; as formas do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso; princípios & procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. Campinas (SP): UNICAMP, 1997

UNE OEUVRE GERMINAL; un thème Le travail des hommes. Collection dirigée par Pol Gaillard, Georges Décot et Françoise Rachmuhl. Paris: Hatier, 1981.

ZOLA, E. *Germinal*. São Paulo: Brasil, 1956. (s.m.r.)

ZOLA, E. *Germinal*. Paris: Gallimard, 1978.

ANEXOS

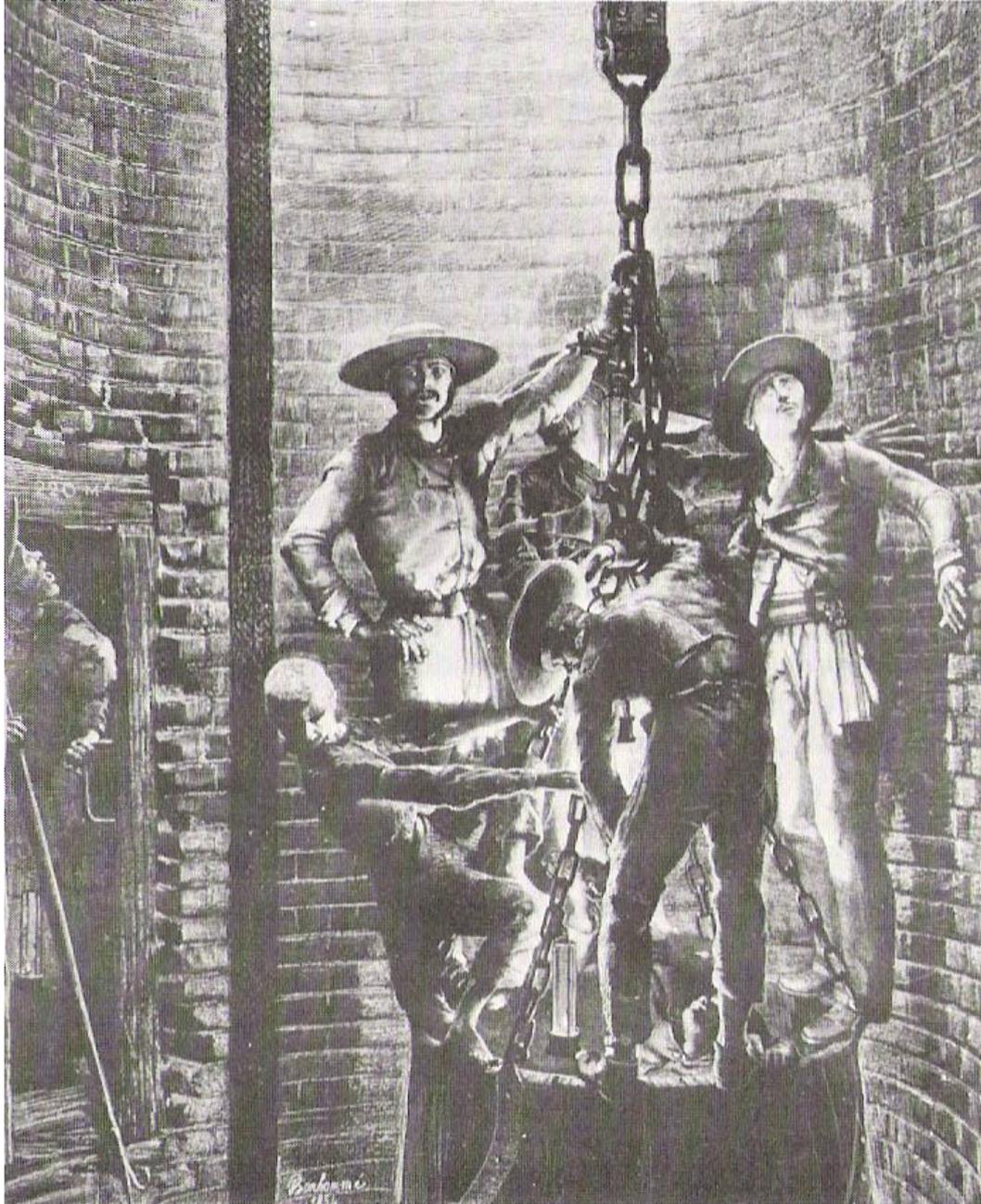


Ilustração 3

Operários nas gáveas, descendo para a mina. In: Une oeuvre Germinal; un thème Le travail des hommes. Collection dirigée par Pol Gaillard, Georges Décot et Françoise Rachmuhl. Paris: Hatier, 1981. p. 9.



Ilustração 4

Extração do carvão e transporte com vagonetes, no fundo da mina. In: Ibid. p.19.



Ilustração 5

Operários trabalhando no escoramento das galerias da mina. In: Ibid. p.60.